



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

THUANY PINTO ROCHA DE SOUZA

**RIGIDEZ, NORMAS E RESISTÊNCIA NUMA ESCOLA MILITAR
DE FORTALEZA: NOTAS DE UMA PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA**

FORTALEZA

2017

THUANY PINTO ROCHA DE SOUZA

RIGIDEZ, NORMAS E RESISTÊNCIA NUMA ESCOLA MILITAR DE FORTALEZA:
NOTAS DE UMA PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências Biológicas, modalidade
Licenciatura, da Universidade Federal do
Ceará

Orientador: Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S236r Souza, Thuany Pinto Rocha de.
Rigidez, normas e resistência numa escola militar de Fortaleza: notas de uma pesquisa autobiográfica / Thuany Pinto Rocha de Souza. – 2017.
73 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa.
1. Resistência. 2. Escolas Militares. 3. Relatos autobiográficos. 4. Diários de estágio. I. Título.
CDD 570
-

THUANY PINTO ROCHA DE SOUZA

RIGIDEZ, NORMAS E RESISTÊNCIA NUMA ESCOLA MILITAR DE FORTALEZA:
NOTAS DE UMA PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências Biológicas, modalidade
Licenciatura, da Universidade Federal do
Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa

Aprovada em: 11/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raphael Alves Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Roberto Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Mest. Raquel Sales Miranda
Secretaria de Educação do Município de Fortaleza
(SME)

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade expor relatos coletados durante o período de estágios realizados em um Colégio Militar de Fortaleza, a fim de levantar questões acerca da maneira encontrada pelos alunos para burlar as rígidas regras comuns as escolas militares, sem chamar a atenção para seus atos de resistência e mostrar que, apesar de esperar-se disciplina e respeito absolutos por parte dos alunos, comumente não é o que se é observado nas salas de aulas dessas escolas. Para isso, foram utilizados diários produzidos durante o período de estágio na escola e documentos da escola e de outras instituições de ensino, a fim de realizar uma pesquisa autobiográfica através de análises qualitativas, para demonstrar as formas de resistência por parte dos alunos observados no período na escola. Tendo sido possível observar que os alunos possuem formas simples, mas claras de resistência, além de ser possível notar a crítica feita pelos alunos ao excesso de regras, e as aberturas permitidas pelo Colégio.

Palavras-chave: Resistência, Escolas Militares, Relatos Autobiográficos, Diários de Estágio.

ABSTRACT

The present work has the purpose of exposing reports collected during the period of internships held at a Military College of Fortaleza in order to raise questions about the way students found to circumvent the rigid rules common to military schools without calling attention to their actions of resistance and to show that, while students are expected to have absolute discipline and respect, it is not often what is observed in the classrooms of these schools. For this purpose, journals produced during the internship period and school documents and other educational institutions were used in order to carry out an autobiographical research through qualitative analyzes to demonstrate the forms of resistance on the part of the students observed in the period in school. It has been possible to observe that students have simple but clear forms of resistance, in addition to being able to note the students' criticism of the excess rules and the openings allowed by the College.

Keywords: Resistance, Military Schools, Autobiographical Reports, Diaries of Internship.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O ENSINO MILITAR.....	15
2.1. Um Breve Histórico da Educação Militar no País.....	15
2.2. A pedagogia de Ensino Militar.....	16
2.3. O sucesso Acadêmico das Escolas Militares.....	18
2.4. Escolas Militares x Liberdade.....	20
2.5. Relações de Poder no Currículo.....	21
3. METODOLOGIA.....	26
3.1. Análises Qualitativas.....	26
3.2. Análises Autobiográficas.....	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
4.1. O Colégio da Polícia Militar	31
4.1.2. O PPP.....	32
4.1.3 O regimento escolar do colégio	33
4.1.4. O regulamento disciplinar da escola	34
4.1.5. Caracterização da Escola.....	36
4.2. Algumas normas comuns às Escolas Militares.....	39
4.3. Os alunos.....	41
4.4. Retomando os diários do Ensino Fundamental.....	41
4.5. Retomando os diários do Ensino Médio.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	55

7. APÊNDICES.....	60
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Os Colégios Militares são instituições de ensino comandados por um órgão militar, responsável por ministrar parte do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ele está subordinado à Diretoria de Ensino da Corporação, e vinculada à Secretaria Municipal de Educação.

Na educação oferecida em colégios militares, a disciplina é a palavra-chave e a dedicação do aluno são os considerados responsáveis pelo sucesso nos exames nacionais, tudo baseado em um trabalho pautado não apenas por conteúdos, mas também por ética e valores. O grande problema citado por alguns críticos, como Djaci Ribeiro (2016) e Francisco Tavares(2016), é exatamente o limite entre o conjunto de princípios que educa e o que oprime, e é importante que os pais conheçam bem a proposta de cada escola para que não tenham surpresas com relação à formação dos filhos.

As instituições seguem a estrutura curricular prevista pelo Ministério da Educação – por vezes com carga horária estendida para inclusão de noções de civismo –, mas o grande problema é a cobrança exigente de algumas regras que, no caso de escolas militares, são muitas e costumam ser bastante rígidas quanto ao comportamento dos alunos, seus uniformes e aparência. Deslocar-se em filas, prestar continência e levantar-se para receber o professor em sala são alguns exemplos. Chegar atrasado sem justificativa ou mesmo usar o uniforme amarrotado podem ser motivos de advertências.

Se, por um lado acredita-se estar educando-se arrogantes e autoritários, na visão dos militares responsáveis por esses colégios acredita-se que toda essa disciplina não significa educar indivíduos como se programa um robô, mas ter noção de que viver em sociedade é ter regras a serem seguidas.

Há vários trabalhos realizados em escolas militares, exposições de opiniões e pesquisas sobre o ensino militar. No entanto, entre os especialistas, é notável a posição contrária assumida pela maioria. Edmundo Campos Coelho, em seus ensaios de referencial bibliográfico de 1985, conclui que há uma mistura entre a posição política dos militares ante o objeto de análise, que são as escolas em si, especialmente levando-se em conta o histórico das intervenções armadas no país. Esse posicionamento acaba por “politizar” as instituições de ensino militar. Segundo ele

De certa forma, a “politização” produz a “paisaginação” dos militares, despindo-os da forte marca da instituição castrense. O processo parece ser análogo ao do exorcismo ou da psicanálise: é como se os estudiosos, sofrendo de algum profundo trauma com os símbolos, marcas, mentalidades e procedimentos das instituições militares, necessitassem revelar a sua dimensão mais “familiar” ou paisana, dissolvendo nela a outra zona: a do perigo, da ameaça, do desconhecido. (1985, pág.5)

Nos trabalhos sobre o ensino militar (Djaci Ribeiro,2016; Joab da Silva, 2016; Francisco Tavares, 2016), não há uma aproximação com a escola, muitas vezes em virtude da dificuldade de aproximação de qualquer instituição militar. A maioria desses trabalhos ataca ativamente a metodologia de ensino, normas e regras e o posicionamento político das instituições, mas não fazem uma investigação sobre aspectos organizacionais e estruturais dos Colégios militares.

Segundo Djaci Oliveira (2016)

“Uma pergunta que muitas pessoas têm feito é qual o sentido da presença das escolas militares na educação pública no Estado de Goiás?”. Essa questão se distingue daquela outra que busca saber sobre quais as razões que levaram o governador do Estado a implementar novas unidades de escolas militares. Em relação à primeira, as respostas têm sido díspares. Para uns, a partir da experiência das escolas já instaladas, trata-se de um investimento na qualidade da educação, mas para outros, a partir da leitura do cenário político e social, trata-se demais uma ação nos moldes da agenda conservadora em busca de consolidar sua hegemonia política.” (2016, p.41)

O mesmo autor completa sua ideia com o seguinte pensamento:

[...]Existem várias razões que favorecem o discurso em favor das escolas militares. Vou trabalhar aqui com dois que creio sejam os

mais proeminentes. O primeiro deles está no discurso do medo e da violência, o segundo, está na visão negativa preconceituosa de que os adolescentes são ameaçadores e perigosos. O resultado disso é que para ampliar ou simplesmente instalar uma política de controle, na ótica do Estado e de boa parte da sociedade, nada melhor e mais eficiente que transformar a escola em um quartel [...]. (2016, p.42)

Se o grande problema é a popularização e, conseqüentemente, o aumento no número de escolas militares, o posicionamento político das instituições militares não deve ser usado como justificativa para ser contra essas escolas, especialmente não levando-se em conta aspectos pedagógicos e estruturais dos colégios em questão, nem a questão social.

Um dos principais historiadores do Brasil, José Murilo de Carvalho(2005), desconstrói a problematização criada sobre as escolas militares em relação aos conflitos sociais criados pelas mesmas, afinal origem social na definição do papel político dos militares é apenas marginal, o que implica o reconhecimento de uma relativa autonomia da instituição em relação à sociedade civil e uma proposta de estudo centrada preferencialmente não em suas intervenções na vida política, mas no cotidiano da instituição:

Afinal, as intervenções militares são apenas o aspecto mais espetacular do comportamento da instituição, geralmente o momento de explosão de tendências que se formaram ao longo dos períodos de normalidade: frustrações, isolamento ou reclusão dentro de um universo socialmente estreito, crise permanente de identidade profissional e assim por diante.(2005, Pág.

Francisco Tavares (2016) traz a temática legal em discussão:

“O que me parecia é que abstratamente poderíamos pensar que, ainda que a escola militar fosse adequada do ponto de vista didático-pedagógico; ainda que a escola militar fosse uma boa saída, digamos, para – e essa é a fórmula coringa para se justificar qualquer política pública que não obedeça a Constituição – acabar com a criminalidade; ainda que a escola militar fosse adequada para alcançar-se o “santo graal” da elevação da nota do ENEM... parece-me que se é uma política de Estado e, notadamente, se é uma política de forças de segurança pública, a primeira indagação que se deve fazer, já que não estamos falando de

uma política de força revolucionária, não estamos falando de uma política de forças golpistas, não estamos falando de uma política de fato, mas e numa política de direito, implementada pelo estado e pelas forças do estado que manu militari defendem a lei, a primeira pergunta que se deve colocar é: a escola sob gestão militarizada é constitucional? Porque se isso não for lícito, quem gostar de escola militar que proponha uma PEC, que proponha um golpe de estado, que faça uma revolução.” (2016, p.53)

O autor traz uma discussão embasada na constituição federal para expor sua opinião em relação ao aumento de escolas militares. Aqui não se considera aspectos pedagógicos apenas investigações de legalidade e são trazidas questões interessantes sobre a democratização: se escolas militares são consideradas públicas, então os pais, alunos e funcionários podem e devem questionar qualquer aspecto da instituição a qual não concordem. Seja em relação ao seu porte físico, sua aparência ou estado de seu material escolar.

Tendo em vista a divergência das opiniões, a principal questão que deve ser levantada em relação às escolas militares não deveria ser seu sucesso, legalidade ou destituição de direitos humanos, mas sim se sua pedagogia oprime, humilha e limita ou é capaz de gerar cidadãos respeitosos, que acatem e cumpram as leis.

Apesar das diferenças, foi notável a minha mudança de opinião após estagiar em uma escola militar: soa alunos questionam as regras, que muitas vezes parecem ser injustificáveis, mas também observei alunos preparados, com fortes opiniões embasadas em aspectos sociais e filosóficos, que possuem um conhecimento legislativo do país, algo alheio a outras instituições de ensino e que buscam questionar as regras a quais são impostos e a desafiá-las, quando o julgarem necessário. Quais são as formas utilizadas pelos alunos para resistir a essas regras? Tendo relatos que narram a experiência em uma escola militar, um interesse próprio em escolas militares por histórico de militares na família e a fim de quebrar essa tendência a ignorar os aspectos pedagógicos das escolas, a exposição dos mesmos é uma forma de demonstrar que, apesar de opiniões pré concebidas acerca educação militar, é importante que haja uma imersão no meio para gerar novas visões acerca dessas instituições.

Mudar a forma como os alunos de escolas militares e as próprias instituições de ensino militar são vistos é algo que aconteceu através das minhas experiências convivência

com eles, uma vez que essas experiências dentro de escolas militares não parecem ser um foco de pesquisa. A minha experiência na escola tem por objetivo não discordar da opinião que a maioria tem sobre as regras e regimentos das escolas militares, nem para provar que as mesmas têm a metodologia necessária para a escola pública atingir o patamar desejado de sucesso acadêmico, mas sim para mostrar que, apesar das regras, os alunos das escolas militares conseguem ser eles mesmo e demonstram que, mesmo acima das imposições, eles buscam formas de libertação e resistência, quando julgam necessário.

Através dessa experiência, espera-se mostrar as divergências existentes entre a opinião geral acerca do comportamento moldado e obediente dos alunos, mostrando que, nem sempre, os mesmos aceitam cegamente o que lhes é imposto, além de trazer o questionamento acerca da participação daqueles que opinam sobre a opressão presente nas escolas militares, uma vez que geralmente não há inserção do autor no ambiente dessas escolas.

Com essa inserção relatada nos diários e trazendo uma bagagem teórica, de autores como Giroux acerca de atos de resistência que buscam a liberdade em ambientes opressores, espero ser capaz de mostrar que, apesar das normas rígidas, os alunos questionam e buscam opor-se a elas, quando julgam necessário, não sendo apenas máquinas de obediência pré-programadas, algo que mudou muito a forma como eu via a escola e os alunos, especialmente em uma instituição onde não se aceita quebrar regras.

Para isso, trataremos, no primeiro capítulo, do ensino militar, mostrando seu histórico, suas características pedagógicas, as formas pelas quais escolas militares têm tanto sucesso acadêmico e se popularizam pela sociedade, além de trazer discussões sobre o poder e a liberdade e das relações de poder no currículo das escolas militares.

O capítulo dois tratará da metodologia utilizada para expor esses relatos, através de análises qualitativas e trazendo os diários utilizados no período de estágio na escola para potencializar uma narrativa autobiográfica.

O capítulo trará toda a discussão sobre as regras e métodos utilizados para superá-las pelos alunos, caracterizando a escola física e pedagogicamente, trazendo as regras presentes nas escolas militares e analisando os diários como forma de mostrar o comportamento dos alunos ante as regras, especialmente as que eles discordam ou buscam resistir.

Nas considerações finais, serão trazidas e concluídas as principais questões levantadas no texto.

Por fim, nos apêndices, pode-se encontrar a transcrição dos diários produzidos durante os quatro estágios realizados na escola militar.

2. O ENSINO MILITAR

2.1. Um Breve Histórico do Ensino Militar no Brasileiro

A necessidade de montar um sistema de ensino militar decorre, para o Exército, do forte desejo de modernização interna, que surge ao final da Guerra do Paraguai. O sistema de ensino é criado considerando a principal justificativa para a existência do Exército nacional: preparar-se para fazer a guerra. Dessa forma, cria-se duas instituições de ensino no Brasil: a militar, com o objetivo de criar uma doutrina que garanta a justificativa para a existência do Exército e o cumprimento dessa “doutrina”, e a escola civil que deve contribuir para que os futuros “soldados” tenham a aptidão física necessária e uma capacidade moral.

... a caserna é hoje, pois, uma escola cívica e militar, onde a educação moral cultiva os sentimentos da hygiene, preside ao desenvolvimento dos musculos, pela prática racional da gymnástica e pela preparação intensiva dos homens nos misteres propriamente militares (CARVALHO, 1914, p. 140 *Apud FERREIRA NETO, 1999*)

... necessário ter uma Doutrina e um Methodo, que decorre della. Sómente dessa maneira poder-se-á conseguir que os officiaes de nosso Exercito encarem os problemas sob o mesmo ponto de vista e, em consequencia, obtenham soluções que jamais poderão ser contradictórias (ANDRADE; PORTELLA, 1924, p. 246 *Apud FERREIRA NETO, 1999*)

Na doutrina do Exército, ser disciplinado é aceitar com convicção e sem reservas a necessidade de uma lei comum, que regule e coordene os esforços dos seus quadros. Por isso, a educação militar considera fundamental o princípio da disciplina que é a completa submissão aos preceitos regulamentares e a obediência sem hesitação aos chefes, o que indica: “mais vale um exercito de carneiros commandados por leões, que um exercito de leões commandados por carneiros” (BRASIL, 1923, p. 833).

O ensino militar começou por aulas ministradas na cadeia da cidade do Rio de Janeiro, dadas pelo então Capitão Engenheiro Gregório Gomes, por ordem do Rei de Portugal. Em 1699, através da Carta Régia de 15 de janeiro, D. Pedro II, rei de Portugal, resolve a criação de uma Aula de fortificação, no Brasil, com a necessidade de um Exército minimamente eficiente para suprir as demandas de segurança da família Real, fez com que

D. João VI determinasse que o Exército passasse por uma reestruturação. Nesse período, as escolas militares destinavam-se a ao treinamento de soldados, não possuindo qualquer ligação com a educação básica.

16

Entre 1855 e 1872 foram criados cursos “preparatórios”, com finalidade de preparar os futuros candidatos às escolas militares. As disciplinas ministradas eram o Latim, história, geografia, aritmética, álgebra, geometria e metrologia, sendo a primeira incursão dos militares na educação básica. Em 1989, é criado o primeiro Colégio Militar do Brasil, o atual Colégio Militar do Rio de Janeiro, que faz parte da rede de ensino militar denominada de Sistema de Colégios Militares do Brasil (SCMB), o atual sistema dos colégios militares brasileiros. (BRASIL,2012)

O período da Ditadura Militar serviu como introdução dos ideais educacionais militares na educação civil: a partir desse momento foram introduzidas nas escolas comum: noções de civismo, a conformação espacial das salas de aula, a forma de dispersão dos alunos em sala, a metodologia de ensino, as formas de transmissão de conhecimento, as regras escolares, como a disciplina deveria ser respeitada, introdução da disciplina Educação Física (*Mens sane in corpora sana*) e as disciplinas a serem estudadas, princípios aos quais as escolas de hoje ainda são subordinadas.

Portanto durante a Ditadura pode-se dizer que houve uma militarização do ensino comum, não havendo muitas mudanças em relação as Escolas Militares. Atualmente, o Exército possui instituições de ensino básico, os Colégios Militares, instituições de ensino superior, como o ITA e o IME e instituições de formação exclusiva para a carreira militar, como a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx/3º ano do Nível Médio).

2.2.Pedagogia de Ensino Militar

A regulamentação do ensino no Exército teve por base duas ideias principais: a um modelo de ensino direto e objetivo e a meios e métodos de ensino comuns e práticos. A noção do ensino do “fazer para aprender” o uso excessivo de instrumentos como o laboratório, o trabalho de campo, e da experimentação, por exemplo.

Contudo, é perceptível a dificuldade enfrentada para a implementação dessa metodologia. Problema comum às escolas brasileiras, a metodologia utilizada pelos professores desestimula a aprendizagem, não por falta de conhecimento dos mesmos, mas

pela forma de transmissão desse conhecimento, a noção de que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor, a noção de que o conhecimento do professor não pode ser questionado e o aluno não deve formular seus próprios ideais, mas aceitar o que estiver sendo passado.

17

Segunda a Regulamentação do exército sobre a educação(BRASIL,1889), a Pedagogia é a responsável pela definição do currículo a ser oferecido e qual a metodologia adequada para a construção do conhecimento previsto nesse currículo.

A teoria da educação militar foi desenvolvida e regulamentada ao longo do século XX, por uma instituição criada em 1930, chamada Inspeção Geral do Ensino. Essa Inspeção acredita que cabe ao educador buscar a melhor metodologia que garanta o aprendizado, respeitando as normas e regras da Instituição. (BRASIL,1930)

Para tanto, faz-se mister compreender o que se entende no Exército por ser humano, Psicologia, Educação e Pedagogia. O ser humano é constituído de um conjunto de reações hereditárias, habituais e de capacidades que lhe determinam a atividade e comportamento no meio em que vive. A Psicologia objetiva estudar a atividade, o comportamento do ser humano, isto é, o conjunto de suas reações no seu habitat e/ou, em outros termos, preocupa-se cientificamente em apreender os processos mentais dos homens. Difere da educação, pois esta possui como função sine qua non produzir transformações úteis no ser humano, quer seja no caráter, quer seja de acúmulo de conhecimentos. Transformação quer indicar modificação, aperfeiçoamento e/ou “apuro” do indivíduo. A Pedagogia, como já tivemos oportunidade de expor, se constitui na teoria da educação que visa obter os melhores e mais seguros resultados na aplicação da instrução militar (PEREIRA, 1941 APUD FERREIRA NETO,1999).

Na metodologia de ensino do exército, o “exercício” tem grande importância: acredita-se que através da exercitação é possível a solidificação do conhecimento.

Conhecimento esse que deve ter sido exposto previamente pelo professor. E é aqui que encontra-se um problema: O Exército considera a prática mais importante (pode-se fazer um paralelo ao Ensino de Educação Física: há a introdução da teoria, mas a prática é quem leva ao aprendizado, deve-se ressaltar que essa disciplina foi imposta ao Currículo Nacional de Educação pelos militares, durante a Ditadura Militar). Inclusive, há uma

recomendação da Instituição que privilegia métodos demonstrativos: a formação militar busca gerar indivíduos que saibam executar tarefas de forma correta acima de tudo, portanto a aplicação do conhecimento é mais importante, há uma justificativa para a aprendizagem de uma determinada disciplina.

18

Como se pode observar, a Pedagogia militar privilegia algumas formas de construção de conhecimentos, como o “método” da demonstração, o “método” da ilustração e o “método” da exposição. O “método” da demonstração é o mais eficaz, na maioria dos casos, por atrair, manter a atenção e o interesse dos alunos; por tornar evidente a aplicação prática da noção teórica ministrada, de modo que ao instrutor “cabe fazer com que o ensino de qualquer noção, seja sempre precedido ou seguido da demonstração prática de sua utilidade em campanha” (PEREIRA, 1941b, p. 20 APUD FERREIRA NETO,1999).

Como a metodologia mais utilizada acaba sendo a demonstrativa, há uma priorização da percepção visual, uma vez que o método puramente expositivo acaba por ser uma forma fatídica de aprendizagem, com apenas o recebimento do conhecimento, não havendo uma formulação do mesmo e obtendo resultados não satisfatórios.

Conhecimento esse que deve ter sido exposto previamente pelo professor. E é aqui que encontra-se um problema: O Exército considera a prática mais importante (pode-se fazer um paralelo ao Ensino de Educação Física: há a introdução da teoria, mas a prática é quem leva ao aprendizado, deve-se ressaltar que essa disciplina foi imposta ao Currículo Nacional de Educação pelos militares, durante a Ditadura Militar). Inclusive, há uma recomendação da Instituição que privilegia métodos demonstrativos: a formação militar busca gerar indivíduos que saibam executar tarefas de forma correta acima de tudo, portanto a aplicação do conhecimento é mais importante, há uma justificativa para a aprendizagem de uma determinada disciplina.

Como se pode observar, a Pedagogia militar privilegia algumas formas de construção de conhecimentos, como o “método” da demonstração, o “método” da ilustração e o “método” da exposição. O “método” da demonstração é o mais eficaz, na maioria dos casos, por atrair, manter a atenção e o interesse dos alunos; por tornar evidente a aplicação prática da noção teórica ministrada, de modo que ao instrutor “cabe fazer com que o ensino de qualquer noção, seja sempre precedido ou seguido da demonstração prática de sua utilidade em campanha” (PEREIRA, 1941, p. 20).

2.3.O Sucesso Acadêmico das Escolas Militares

Escolas Militares costumam ter um desempenho acadêmico superior aos de outras escolas públicas e altas aprovações em vestibulares e provas por todo o país. Essas instituições têm para sim, como a fórmula de seu sucesso, a união entre professores capacitados, infraestrutura nas melhores condições possíveis e disciplina. (BRASIL,2007)

19

De fato, a cada pesquisa sobre desempenho das escolas públicas divulgadas, é comum ver um número grande de escolas públicas presentes nas primeiras posições da lista, em 2011, por exemplo, das 30 melhores escolas de ensino fundamental do país, 10 eram Colégios Militares. Levando-se em conta que existem uma média de 4 escolas militares por estado, é compreensível que as mesmas tenham se tornado populares nos últimos anos, como um modelo bom e barato de educação.(BENEVIDES; SOARES, 2014)

É notório o destaque das escolas públicas militares nas avaliações padronizadas brasileiras, seja no ENEM seja nos sistemas de avaliação estaduais, como o SARESP, o SAEGO ou SPAECE. Os alunos destas escolas se sobressaem à média de desempenho dos estados e, não raro, as escolas militares figuram no topo entre as mais bem avaliadas. Mesmo assim, até agora não há nenhum estudo quantitativo que procure entender o que ocorre com os alunos militares e porque estes se saem melhor nos testes. (BENEVIDES; SOARES, 2014, Pág.2)

No ENEM de 2014, por exemplo, a pontuação média em matemática das escolas militares estaduais foi de 514,15 pontos contra 454,13 nas não-militares, embora não seja possível saber se essas notas são resultado de bons alunos ou de uma escola de maior qualidade. (BRASIL, 2014)

A considerada tríade do sucesso das escolas militares(ANPED, 2015): professores capacitados, infraestrutura e disciplina, acaba sendo algo que é comum às escolas militares: todas possuem mais ou menos a mesma conformação estrutural, as regras e normas para contratação de professores segue a recomendada pelo Exército, assim como a disciplina segue uma cartilha de normas e regras do Exército.

Em relação a estrutura física, apesar de algumas escolas não terem essa estrutura em tão bom estado assim, é em pequenas diferenças que se nota os resultados: todas possuem bibliotecas preenchidas com livros didáticos e paradidáticos e a leitura é motivada, laboratórios de ciências e informática e os alunos costumam ter aulas nesses laboratórios,

Data shows, piscinas e quadras para realização de atividades de educação física, salas de aula limpas e com ventiladores\ condicionadores de ar em funcionamento, por exemplo.

Já a capacitação de professores, as escolas oferecem cursos, especializações e comunicação entre a escola, pais e professores. É comum ter uma determinada quantidade de professores com titulações de mestres e doutores e uma maioria de professores com

20

especializações, algo não visto comumente em outras instituições de ensino públicas. Segundo o Regimento Geral das Escolas Militares, deve haver ao menos um professor com título de doutor ou mestre por escola e os professores recebem todo o incentivo para capacitação e especialização, além do incentivo á participação da vida escolar e do aluno.

A disciplina nas escolas militares talvez seja o tema mais polêmico de todos: como já foi explanado, as opiniões divergem entre excesso e o necessário para o sucesso. Embora, de alguns anos até o momento, a s escolas militares tenham tido uma modernização em suas regras, as mesmas ainda são consideradas arcaicas e desnecessárias, que privam o aluno de sua liberdade e o tornam apenas um “aceitador” de regras, leis e opiniões, não o ensinando a pensar por si próprio.

Alguns pesquisadores (HAJJAR, 2005; PRICE, 2008) ressaltam que a linha pedagógica militarizada trabalha qualidades não-cognitivas dos alunos, como a disciplina, respeito à hierarquia, trabalho em equipe e o cuidado com a higiene corporal. Por outro lado, professores, pedagogos e estudiosos (GALAVIZ et al., 201; LIPMAN, 2003; LUNENBURG et al. 1999) apontam que este tipo de escola forma uma massa acrítica de estudantes, pautados mais pelo medo que pelo respeito. O excesso de disciplina e as consequentes sanções para o aluno que quebre as regras pode trazer prejuízo social e psicológico, segundo estes pesquisadores. (BENEVIDES; SOARES, 2016).

2.4. Escolas Militares: Normas e Liberdade

Se levarmos em conta o desempenho das escolas militares, é compreensível que as mesmas tenham se popularizado tanto, afinal são escolas públicas com alto desempenho em provas nacionais e grande número de aprovações em vestibulares. Contudo, o Brasil é um país que busca se modernizar e, acima de tudo, busca a liberdade e o rompimento com as metodologias antigas, visto as manifestações e ocupações que vem ocorrendo, buscando o fim das formas antigas de governo e comportamento social. Sendo assim, como escolas consideradas opressoras e privativas de liberdade podem estar tornando-se alternativas

boas e baratas para a educação, ao ponto de mais e mais escolas militares estarem sendo inauguradas por todo o país?

A militarização da escola pública pode colocar em risco os valores de liberdade até mesmo a gratuidade da escola pública. Um fator que chama a atenção é que a maioria dessas escolas militares que estão sendo inauguradas são construídas em bairros

21

considerados de renda superior e a noção de que escolas militares educam filhos de militares acaba por ser perder e gerar repúdio por parte dos próprios militares. Enquanto é comum mais de 90% dos alunos de escolas militares clássicas serem filhos de militares, nessas novas escolas percebe-se que há uma maioria de civis, de classe média, que buscam uma boa educação sem muito custos para seus filhos.

Levando-se em conta todo o contexto de precarização e violência do país, essas escolas estarem sendo destinadas para filhos de pessoas com poder aquisitivo acaba por gerar mais conflitos: será que a população comum, que ganha pouco, não pode ter direito à educação pública de qualidade? (ANPED, 2015)

Outro fator levantado é em relação às regras excessivas e o sucesso dessas escolas: muitos pais acreditam que esse sucesso se deve não a disciplina, que consideram injustificável e privativa, mas sim a estrutura diferenciada. Não seria a gestão militar a responsável pelo sucesso, mas os pequenos diferenciais das escolas militares, a capacitação de professores e a estrutura física e atividades oferecidas a fórmula do sucesso, acreditando-se que, se todas as escolas públicas recebessem essas mesmas particularidades, o sucesso obtido por elas seria o notável. (ANPED, 2015)

Segundo a Prof. Virginia de Melo, coordenadora do FEE-Goiás, em entrevista cedida a ANPED, 2015:

“[...] Isso torna claro que a proposta de militarização, embora tenha boa repercussão na sociedade em geral, por seus resultados imediatos, está marcada por equívocos graves, que podem repercutir negativamente na formação de várias gerações. É princípio constitucional que o Estado deve oferecer a todos uma escola pública, gratuita, democrática, com diversidade de ideias e concepções pedagógicas, e à qual todos tenham as mesmas condições de acesso e permanência com sucesso. Quando as escolas militares aparecem como verdadeiras “ilhas de excelência”, cobrando taxa de matrícula e mensalidades, mesmo sob a forma de contribuições voluntárias, fazem reserva de vagas para filhos de militares, não são

questionadas pelas famílias e nem pelas autoridades por fazerem cumprir suas normativas disciplinares, está estabelecida a diferença, a exclusão. [...]

2.5. Relações de Poder no Currículo

22

Escolas militares apresentam um currículo formal que, acima de tudo, envolve respeito e obediência e, para garantia desses aspectos, há uma linha sucessional de poder, onde vários se subordinam e, conseqüentemente, devem aceitar as ordens sem questionamento, de um indivíduo com cargo “superior”

Para Tomaz Tadeu(1999), a ideia de controle e falsa moralidade presente nos métodos tecnicista e tradicionais de educação de nada servem sem o envolvimento da própria transformação ou experiência do ser. Essas pedagogias da educação criam um modelo mecanicista-reducionista de relação com o processo de ensino-aprendizagem (ao modo de transmissão in-put out-put) condicionando também a visão e relação de o corpo = sujeito = aluno (corpo padronizado). (NEVES,2014)

Nesse aspecto, a escola nada mais é do que um molde em uma fábrica de sujeitos, modelados para reproduzir e respeitar sem questionamento tanto os superiores quanto as regras a eles impostos.

Essas metodologias seguem um modelo proposto por René Descartes, que desenvolveu toda uma teoria educacional onde o corpo foi posto de lado, e o que realmente importa são as aspirações do pensamento e do saber. Embora esse modelo tenha sido criado no Sec. XVI, houve o surgimento de raízes tão fortes, que ainda hoje esse modelo é considerado correto. E esse pensamento acabou por ser completamente impregnado na educação, no corpo e nos processos de “poder-saber”. (Neves,2014)

A noção de “poder-saber” foi definida por Foucault, sobre ela Vieira-Neto traduz que:

Toda esta herança de relações de corpo/mente transita diretamente com as relações de poder-saber e com a educação-formação. Viemos sendo formados por uma herança de perspectivas que, de algum modo, vem sendo substancialmente acatada durante séculos, sem maiores reflexões, por vários extratos da nossa sociedade.

Para Foucault (1979): “O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e

escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber filosófico, orgânico.” e “que nada é mais corpóreo que o exercício do poder, da disciplina, da educação, das instituições, das influências midiáticas, tudo inflige e afeta na constituição deste corpo/sujeito”. Para Foucault o indivíduo é uma produção do poder e do saber.

23

A ação sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação dos discursos, com objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular individualizada - o homem – como produção do poder. Mas também o mesmo tempo como objeto de saber. (FOUCAULT, 1979, Pág.20)

E o poder acaba por ter como alvo o corpo humano, para torná-lo o que os padrões consideram como “perfeito”, a fim de aprimorá-lo ao limite.

Todas essas colocações levam a refletir possibilidades diferentes de construção do ensino-aprendizagem na escola:

“A ideia de curriculum corporifica uma organização particular do conhecimento pela qual os indivíduos devem regular e disciplinar a si próprios como membros da comunidade/sociedade” (Silva, 1994).

O saber não é algo inato, o conhecimento não envolve apenas a busca pela perfeição, mas também deve trazer o respeito ao cotidiano, memórias e cultura. A educação deve existir para a busca de uma visão do mundo produzida e elaborada pelo próprio corpo, não sendo imposta sem questionamentos a aceitação de outra visão, produzida por outro corpo, que não leva em conta a vivência do indivíduo.

Foucault converge com as visões pós- modernistas quando lida com a forma como vemos o mundo de forma totalizante, através da separação do poder em micro poderes. E, portanto, a resistência aos poderes passa a ser local, considerando essas idéias, o grande problema não são as normas opressoras das Escolas Militares, mas a forma como muitas a veem uma vez que, para o ser humano, oprimir é algo comum de seu dia a dia.

Sobre a resistência encontrada em salas de aula, Giroux, em seu livro Teoria Crítica e Resistência em Educação, propõe a construção de uma pedagogia radical que utilize a

prática educacional supondo uma leitura crítica que possibilite um diálogo entre as estruturas de dominação e os atos de resistência e transformação.

Giroux recusa tanto a perspectiva conformista como, também, a perspectiva que elimina a possibilidade da ação e intencionalidade humanas, trazendo a visão da pedagogia crítica, que coloca as escolas, como esferas públicas democráticas comprometidas em educar alunos nas linguagens da crítica, da possibilidade e da democracia.

24

O autor problematiza o modo como os professores e estudantes mantêm, resistem ou acomodam as linguagens e ideologias, bem como os processos sociais que os inserem dentro das relações de poder e dependência.

Portanto, aponta-se para a necessidade de desenvolver uma teoria de política e cultura que analise o poder como um processo ativo, isto é, o poder como um conjunto concreto e fragmentado de experiências, subjetividades e práticas inseridas nos processos culturais vividos e sofrido por indivíduos em determinadas configurações de contextos, espaços e tempo, que os 31 posicionam de maneira a privilegiar versões particulares de ideologia, comportamento e representação da vida diária. Do mesmo modo, que precisa construir estratégias de desenvolvimento da dinâmica de produção, transformação e luta pelas escolas como esferas públicas democráticas. (SANTOS, 2010, Pág.30)

Assim, para Perez Gomez (2001) a escola “é uma instância de mediação entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações”. Portanto, locais contraditórios, em que reproduzem sociedade mais ampla enquanto ao mesmo tempo contêm espaço para resistir a sua lógica de dominação.

Para tanto, Giroux defende que a escola e o currículo devem funcionar como uma esfera pública democrática, isto é, ambos devem ser locais, que “reconciliem a escola com a sociedade e que convoquem esta última a uma maior presença na escola” (NÓVOA, 2008,p. 225 apud Santos, 2010).Permitindo aos professores e estudantes a oportunidade de exercer as habilidades democráticas e libertadoras da discussão e da participação de questionamentos sociais, políticos, econômicos, “funcionando em ligação com as redes de comunicação e de cultura, de arte e ciência” (NÓVOA, 2008,p.226 apud SANTOS, 2010, Pág.32), na construção de cidadãos ativos e críticos.

Tendo as escolas militares como objetivo uma educação que busca a cidadania, é interessante inserir algumas conclusões de Giroux acerca do assunto:

A cidadania é o exercício público da racionalidade que, para ser efetivo, exige como pré-condição a liberdade. Tal formulação é correta, desde que não se reduza a Razão a uma de suas formas, a racionalidade instrumental. Giroux, remetendo à teoria de Habermas, irá distinguir três modelos de racionalidade: a técnica, a hermenêutica e a emancipatória. Ora, a

25

educação para a cidadania, sendo mediadora da racionalidade social, não pode ser pensada como mero treinamento, segundo o modelo reduzido da racionalidade técnica; ao contrário, deve ser concebida como o espaço, por excelência, da máxima explicitação dos procedimentos cognitivos e normativos que revelem ao próprio Homem (leia-se, aos oprimidos) a sua dimensão de ser histórico e autoconstitutivo (Cap. V, p. 221-268).

Para isso, o processo pedagógico deve conscientizar os estudantes acerca do papel de controle e do poder mantido pelas instituições, como opção de resistência às crenças. A resistência deve ser mais que um desafio ao currículo autoritário escolar que, muitas vezes, já esqueceu a cidadania. A educação deveria ser crítica e libertadora, gerando indivíduos capazes de questionar e agir contra o sistema, que transforme as pessoas em agentes políticos, seres pensantes e agentes de transformações no mundo.

A educação tradicional, com seu caráter excludente, que não dá voz ao educando e o apresenta como ouvinte, serve apenas para gerar indivíduos conformados, que não questionam e agem contra a situação que estão passando, seres apenas capazes de baixar a cabeça e obedecer, independente de concordar ou não com o que estão fazendo.

Essa proposta de educação de Giroux, embora não esteja presente na pauta de metodologias de escolas militares, é perceptível no comportamento dos alunos da Escola, ao usar formas sutis e simples para burlar as regras e se expressar. Foi uma observação importante pra mim, como professora, pois mostrou que, mesmo em um ambiente hostil e tolhedor, os alunos tentam, de todas as formas possíveis, se expressarem e desenvolverem suas próprias personalidades, é como se o molde do aluno ideal existisse, mas há vários que não são tão parecidos com o que originalmente se queria assim. Escolas militares são instituições onde questionar não é aceito, o aluno não é agente do próprio aprendizado e deve manter-se restrito a escutar e obedecer. Contudo, os alunos têm acesso a temas não encontrados em outras instituições de ensino, como a legislação do país, e acabam por

desenvolver uma visão crítica acerca da maneira como o país se desenvolve politicamente e acabam por questionar as normas impostas e eles. Esse senso crítico os compele a resistir contra essas normas. De forma discreta, sim, mas ainda sendo atos de resistência.

3.METODOLOGIA

3.1.Análises Qualitativas

As análises qualitativas compreendem uma metodologia de investigação científica que foca no caráter subjetivo do objeto analisado e permite ao autor uma liberdade para apontar seu ponto de vista e justificar suas experiências.

Flick e cols. (2000) apontam a primazia da compreensão como princípio do conhecimento, que prefere estudar relações complexas em vez de explicá-las por meio do isolamento de variáveis. Uma segunda característica geral é a construção da realidade. A pesquisa é percebida como um ato subjetivo de construção. Os autores afirmam que a descoberta e a construção de teorias são objetos de estudo desta abordagem. Um quarto aspecto geral da pesquisa qualitativa, conforme estes autores, é que apesar da crescente importância de material visual, a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente.

Tanto Mayring (2002) quanto Flick e cols. (2000) consideram o estudo de caso como ponto de partida ou elemento essencial da pesquisa qualitativa. Em ambas as publicações ressaltam-se o princípio da abertura. Tal postura vai além da formulação de perguntas abertas. Nas palavras de Mayring (p. 28), “nem estruturas teóricas e hipóteses, nem procedimentos metodológicos devem impedir a visão de aspectos essenciais do objeto [de pesquisa]”. Ao mesmo tempo, enfatiza, que “apesar da abertura exigida, os métodos são sujeitos a um controle contínuo (...) Os passos da pesquisa precisam ser explicitados, ser documentados e seguir regras fundamentadas” (p. 29). O princípio da abertura se traduz para Flick e cols. (2000) no fato da pesquisa qualitativa ser caracterizada por um espectro de métodos e técnicas, adaptados ao caso específico, em vez de um método padronizado único. Ressaltam, assim, que o método deve se adequar ao objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa permite a inserção de opiniões e visão do autor nos temas tratados, dando liberdade ao mesmo pra dissertar sobre sua experiência.

3.2. Análises Autobiográficas

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem

27

preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Tendo em vista a importância do estágio para a formação do professor e a intenção de quebrar alguns pré conceitos sobre escolas militares, foi escolhido a metodologia de narração, para a revisão dos diários de classe utilizados durante todo o período de estágio. As narrativas permitem que haja uma autobiografia, que possibilita aprofundar a compreensão dos processos de formação.

[...] por um lado ela permite identificar as características seguidas formadores (uma categoria profissional que ainda não está institucionalizada) a sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham; por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 26).]

Experiências narrativas buscam a autoformação do profissional: através delas, o mesmo pode adequar-se a experiências futuras. Professores aprendem e ensinam ao mesmo tempo, tendo que envolver-se ativamente nas práticas educativas e não há forma melhor dessa imersão do que reviver momentos e experiências, a fim de adequar-se ao futuro. Mizukami *et al.* (2003, p. 16),

“A ideia de processo – e portanto, de continuum – obriga a considerar a necessidade de estabelecimento de um fio condutor que vá produzindo os sentidos e explicitando os significados ao longo de toda a vida do professor, garantindo, ao mesmo tempo, os nexos entre a formação inicial, a continuada e as experiências vividas.”

Do ponto de vista da teoria científica, as experiências e opiniões não caracterizam uma produção científica “Qualquer espécie de orientação prática da minha vida é

impossível no interior do mundo teórico: é impossível viver nele, impossível realizar ações responsáveis. Nesse mundo eu sou desnecessário; eu sou essencialmente e fundamentalmente não existente nele” (BAKHTIN, 1993, p. 10). Nesse aspecto, as narrativas biográficas existem como produções científicas subjetivas, contudo tem grande influência no desenvolvimento do ser professor que, ao buscar suas origens e ideais

28

iniciais, pode modificar-se e modificar o meio em busca da produção de um conhecimento transcendental.

Lima (2015, p.19), afirma que genuinamente diferentes são os sentidos produzidos pelas pesquisas em que os próprios sujeitos são autores e coautores das narrativas. Em outras palavras, pesquisar sobre os professores e pesquisar com os professores ou pesquisar na escola e com a escola, resultam em estudos diversos.

Tendo em vista que um professor deve dominar um conteúdo e ser capaz de transmiti-lo, adequando-se as particularidades de cada turma, o uso de diários pode contribuir para o desenvolvimento do docente durante sua carreira, através dessa retomada é possível atribuir significados diferentes ao que se vivencia na escola. (Catani et al. (2000).

De acordo com Zabalza (1994), ao escrever sobre sua prática, o professor aprende e (re)constrói seus saberes. O autor afirma que os diários permitem focar as análises nos fatos ocorridos a partir da integração das dimensões referencial e expressiva. Considerando essa colocação, é necessário destacar nossa compreensão sobre o conceito de fato e de acontecimento. Sendo que para Malerba (2002, p. 119) as distinções entre fatos e acontecimentos “são mais sutis do que se possa pensar a primeira vista”.

Os diários produzidos nos estágios de iniciação a docência mostram as dificuldades, ideais e opiniões acerca da experiência inicial com a docência. Ao escrever seus diários, o professor expõe a si mesmo e a seus valores e torna sua prática pessoal. Os diários contribuem na formação da identidade profissional e na formação continuada, afinal o professor também aprende com seus alunos:

Nesse sentido, concordamos com a ideia de que a disciplina de estágio seja o “locus de formação do professor reflexivo-pesquisador, de aprendizagens significativas da profissão, de cultura do magistério, de

aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social” (LIMA, 2008, p. 204).

Dentro dessa ideia da utilização de narrativas pessoais, é importante ressaltar que, contrariamente ao ideal científico de distanciamento entre pesquisador e pesquisado, o uso de narrativas pessoais em uma pesquisa científica permite uma maior reflexão sobre

29

experiências pessoais. As narrativas das histórias do vivido constituem material importante na investigação das práticas docentes. (Lima, 2015)

É importante, para a prática docente, que haja uma busca pelas próprias experiências, de forma a haver um diálogo entre o que foi vivido e o futuro, de forma a haver uma participação mais democrática do próprio docente na educação.

Os diários em questão foram produzidos por dois anos, de 2015 a 2017 e abordam a experiência nos estágios obrigatórios, sendo compostos de um total de 8 diários, 4 de observação e 4 de regência, abrangendo turmas que vão desde o sétimo ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Os diários também tratam da estruturação da escola, seus documentos, histórico e ideais e as visões, opiniões e sentimentos durante o trajeto de aprendizagem e formação do ser docente.

Além dos diários, foram utilizados documentos da escola. Os documentos são fonte de dados para o pesquisador, que proporcionam informações sobre ocorrências que o investigado não observou. Os documentos servem como técnica de pesquisa, muito utilizados como ferramentas de investigação qualitativa, pois, geralmente, podem obter-se gratuitamente e a baixo custo. A análise de documentos pode servir para complementar a informação obtida por outras ferramentas utilizadas na pesquisa.

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida,

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado

relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008. Pág. 295).

30

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

Segundo Kelly apud Gauthier (1984: 296):

Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência – presença ou intervenção do pesquisador – do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida.

Para o trabalho, foram analisados os seguintes documentos:

Regimento Escolar.

Regulamento Disciplinar.

Projeto Político Pedagógico.

O nome do Colégio não será citado, em virtude de se tratar de um trabalho científico e em respeito aos indicativos éticos da investigação acadêmica na área de ciências humanas.

31

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O Colégio

A Instituição de Ensino escolhida para a realização do estágio foi um colégio de ensino militar em Fortaleza, por interesse pessoal em escolas militares, uma vez que venho de uma família com interesse militar.

O Colégio nasceu nas dependências de uma unidade de ensino militar, Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP). Sua construção data de 1926; sendo, portanto um desafio transformar uma estrutura de 85 anos, com espaços próprios para adultos, em Escola de Ensino Fundamental e Médio, com alunos de faixa etária de 6 a 17 anos. (ano 200)

A sua criação buscou responder a duas metas estabelecidas pela Corporação daquela época. A primeira meta era voltada para a criação de mecanismos eficazes, objetivando a aproximação da instituição à comunidade cearense, sendo esta aproximação fundamental para que os objetivos fossem alcançados. A segunda meta estabelecia o compromisso com a formação e com o aperfeiçoamento do policial militar como forma de capacitar o efetivo para atuação nos quartéis e nas ruas e, ainda, possibilitar uma educação de qualidade aos filhos de militares e civis. (ano 2000)

É uma escola integrante da estrutura da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, conveniada à Secretaria de Educação do Estado. Tal convênio possibilita a cessão de recursos financeiros e materiais, equipamentos escolares, livros didáticos, merenda escolar, professores e outros profissionais. A instituição ministra a Educação Básica de Ensino Fundamental e Médio e tem por objetivo oferecer um ensino de qualidade aos dependentes de militares estaduais, de policiais civis e comunidade civil.

A escola tem como filosofia ministrar a educação básica fundamentada na construção da cidadania responsável através de uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, inspirada nos princípios da liberdade e solidariedade

humana, embasada no gerenciamento participativo que envolva toda a comunidade escolar, aliada a uma disciplina transparente e consciente, onde possa formar cidadãos críticos, participativos e reflexivos. (ano 2014 pag.12)

A instituição é bastante ampla, com muito espaço aberto e área verde, contando atualmente com 35 salas de aula, sala de comando, subcomando, diretoria administrativa financeira, diretoria pedagógica, seção técnica, ajudância, secretaria escolar, tesouraria,

32

salas de coordenação de ensino Fundamental I, II e Médio, sala de professores, sala de planejamento, gabinete dentário, auditório, duas quadras cobertas, sala de academia, letramento e artes, piscina e laboratórios de ciências e informática. Funciona nos períodos matutinos e vespertinos. (Diário de Observação, ano 2015)

Essa conformação da escola deu a impressão de ser uma escola comum, como qualquer outra. Eu tinha a impressão que, por se tratar de uma escola militar, haveria grandes mudanças em se tratando da organização e funcionamento da escola. No fim, eu conclui que, as diferenças estão na quantidade elevada e rigidez das normas e no fato de a escola ser administrada por uma instituição militar. Afra isso, é uma escola como qualquer outra.

4.1.2. O PPP

Os princípios fundamentais nos quais a escola se baseia em defesa do desenvolvimento livre do homem são baseados nos valores universais que, apesar de toda controvérsia, existem e criam perspectivas determinadas na vida cotidiana, sendo preciso oportunizar as condições de enfrentamento e encorajamento, e de possibilidade de organização para efetivar sua formação humana e plural. O ponto de partida é a prática social inspirada no respeito, na ética, na solidariedade, na humildade em aprender e na confiança.

A missão é ministrar a educação básica fundamentada na construção da cidadania responsável através de uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, aliada a uma disciplina transparente e consciente, e que possa formar cidadãos críticos, reflexivos, solidários, capazes de compreender, analisar e intervir na realidade, visando ao bem-estar do homem nos planos pessoal e coletivo.

A metodologia da escola é desenvolver e utilizar métodos que promovam uma educação voltada à assimilação e construção de conhecimentos de forma reflexiva,

priorizando a ação reflexão, priorizando a ação do aprender a aprender – considerando todo o conjunto de disciplinas escolares.

A pedagogia da escola coloca o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem. Busca desenvolver o sentimento de amor à pátria, formação ética, autonomia intelectual e permanente crítico. Tendo como pilares a disciplina, o respeito e a hierarquia. O objetivo maior é ministrar a educação básica fundamentada na construção da cidadania mais

33

responsável, formando cidadãos mais críticos, reflexivos, solidários, capazes de compreender, analisar e intervir na realidade, visando ao bem-estar do homem no plano pessoal e coletivo.

Cabe ao professor ser o mediador da construção do conhecimento e do desenvolvimento do ser humano, do bem-estar comum, crítico e autocrítico nos princípios da valorização e dignidade e dos direitos humanos.

No Plano de Ação do Projeto Político Pedagógico da escola, encontram-se as seguintes metas:

Aprimorar a comunicação e a integração na comunidade escolar;

- Estimular a criação de oficinas pedagógicas com os professores para que eles se familiarizem com os avanços da tecnologia de informação e comunicação, favorecendo assim o trabalho com os quatro pilares do conhecimento;
- Desenvolver práticas pedagógicas significativas e provocadoras de ações didáticas que contribuam para a aprendizagem dos educandos;
- Oportunizar uma formação continuada para o professor para que ele possa elaborar e executar projetos de pesquisa científica;
- Oportunizar acontecimentos em que o jovem possa envolver-se em atividade direcionada à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso;
- Estabelecer regras de convivência nas quais se destacam valores, crenças e convicções que servirão de alicerce ao respeito, à disciplina e confiança;
- Redefinir com os docentes e PCA's o programa das disciplinas do Ensino Fundamental e Médio. (PPP, 2014, p.22)

Projeto político pedagógico apresenta também diagnósticos do ensino e aprendizagem

baseado nos resultados e desempenho dos alunos, além de avaliar a estrutura, funcionamento, projetos, programas, planos e atividades. O PPP contém regras de avaliação, execução e as prováveis soluções e propostas para problemas não resolvidos. É baseado em uma literatura pedagógica: Paulo Freire, Vygotsky e propõe recomendações visando um melhor cumprimento das atividades.

O sistema de avaliação funciona da seguinte maneira: o ano letivo é dividido em quatro etapas (bimestres) e em cada etapa são utilizadas três ferramentas de avaliação que são notas de atividades (NA), prova subjetiva e prova objetiva. A média aritmética obtida entre a NA e a prova subjetiva é somada com a nota da prova objetiva e, dessa maneira, é feita a média final da etapa.

No final do ano soma-se todas as médias e divide-se por quatro.

34

A escola proporciona aos alunos aulas de reforço no contra turno, atividades esportivas e musicais, participação em solenidades e eventos representativos da escola. A faixa etária atendida é de 6 a 17 anos. A admissão dos alunos é realizada por meio da aplicação de uma prova de conhecimentos gerais e avaliação de boletins, sendo priorizados filhos de militares.

(Diário de Observação, ano 2015)

Observei que o PPP da Escola apresenta ideais de Vygotsky e Paulo Freire, o que muito me impressionou, uma vez que esses pensadores possuem um ideal de educação mais libertador e universal, e tendo em conta que uma instituição de ensino militar, possui regras que considero opressoras e impedem que os alunos se expressem ou questionem, a presença desses nomes num documento oficial da escola me fez notar que a escola é mais aberta. Sim há regras (e muitas) e essas são bem rígidas, mesmo assim, o fato de ter ideais desses autores me mostrou que a escola muda e se adapta, o que acabou por mudar bastante a minha opinião acerca da instituição. Talvez seja uma característica dessa escola, ou simplesmente as escolas militares estão possibilitando mudanças acerca de suas ideias em educação.

4.1.3.O regimento escolar do Colégio

O regimento do colégio serve como uma série de regras e normas, além de estabelecer e definir funções. O PPP está subordinado ao regimento da escola que, por sua vez, é subordinado ao regimento geral das escolas militares.

O regimento define as finalidades do colégio, baseadas nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humanos. Define também funções e cargos, além de regras e características de cada um. O Regimento traz, como finalidades da escola:

Art. 4o O Colégio, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem como finalidade:

I – Facilitar ao aluno a identificação de suas aptidões naturais, no sentido de orientá-lo em sua opção profissional e posterior integração ao mercado de trabalho;

II- Atender ao ensino assistencial para os dependentes legais de militares da Polícia Militar do Ceará e do Corpo de Bombeiros

Militar do Estado do Ceará, e de policiais de carreira da Polícia Civil do Estado do Ceará;

III

35

III. Ministrando o ensino fundamental e médio a alunos de ambos os sexos, inclusive para filhos de civis;

IV Desenvolver nos alunos o sentimento de amor à Pátria, a sadia mentalidade, o culto às tradições nacionais, regionais e o respeito aos direitos humanos;

V Aprimorar as qualidades físicas do educando;

VI Despertar nos alunos vocações para a carreira militar;

VII Favorecer o afeiçoamento ao trabalho como elemento dinamizador da ordem e do progresso de uma nação;

VIII Dinamizar a escola dentro das necessidades da atualização, atendendo-se às exigências da legislação em vigor e ao constante no Projeto Político Pedagógico (PPP).

IX Estimular a participação coletiva para elaboração do Projeto Político Pedagógico; (ano 2000, pags. 1 e 2).

O Regimento também me pareceu algo comum às escolas, não tendo nada que a diferenciasse como uma escola militar, a escola opressora e rígida. Não é porque há um regimento que a escola seja mais organizada ou seja diferente das outras, ele é só mais um conjunto de regras e designações que a escola tem, para se organizar. O que, mais uma vez, me fez notar que, apesar de todas as opiniões e das regras e rigidez das mesmas, no fim, a escola é como qualquer outra. Se fosse analisado apenas os documentos da escola, ela só seria mais uma e provavelmente não notaria tratar-se de uma escola militar. Pra mim, isso mostra que a escola, em se tratando de seus documentos, é só mais uma escola.

4.1.4.O Regulamento Disciplinar do Colégio

Além do PPP eu regimento, há tendo uma cartilha contendo todas as características disciplinares da escola, onde é possível visualizar normas comportamentais, regras a serem seguidas e punições tomadas.

O regulamento disciplinar é subordinado ao PPP, aos regimentos gerais da escola e aos regimentos das escolas militares.

Portanto há três conjuntos de regras diferentes que devem ser seguidos por professores, alunos e funcionários.

O Regulamento traz, em sua introdução:

36

O Colégio da Polícia Militar, instituição de ensino criada oficialmente em 03 de março de 1997, tem por objetivo preparar o aluno desde o 1o Ano do Ensino Fundamental ao 3o Ano do Ensino Médio, principalmente, preparando-o para a vida e habilitando-o para o ingresso no Ensino Superior, através do processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo-o para um futuro promissor, e conduzindo-o na mais perfeita convivência, por meio de normas reguladoras, propiciando melhor equilíbrio à sociedade.

Este regulamento, além de regular as normas de conduta, é uma ferramenta útil e facilitadora de comunicação, levando aos alunos e familiares, informações necessárias, de maneira simples, objetiva e bem catalogadas, para que todos possam conhecer seus direitos e deveres, contribuindo desta forma na melhoria do desenvolvimento e crescimento do corpo discente e propiciando uma melhor qualidade de ensino, reunindo esforços da família e do Colégio, visando uma educação com qualidade.

O regulamento, assim como o regimento, não apresenta nenhum diferencial ou torna a escola especial. Até aqui, a única impressão que eu tive foi a de que a escola era uma escola pública comum, com mais regras e essas sendo mais rígidas, mas nada que alarmasse como grandes diferenças.

Todos os três documentos: PPP, Regimento e Regulamento, me mostraram que a escola era bem organizada e aberta, que ela aceita mudanças. Não esperei isso de uma escola militar. Para mim, haveria apenas regras e obediência. Analisar os documentos me mostrou que, ao menos essa escola e nesse quesito, a escola militar nada difere de outras escolas.

4.1.5. Caracterização da escola nos Diários de Observação

A maioria das escolas militares possui um espaço físico que anteriormente tinha por finalidade ser um quartel para treino e formação de militares. Hierarquicamente, a escola é

dirigida por um Coronel da Polícia Militar e conta com a presença de vários policiais militares, que realizam a função de fiscalização do cumprimento das regras da escola por parte dos alunos, muitos desses oficiais andam armados. Se por um lado, há uma grande presença de militares em cargos escolares, da parte dos professores há o balanceamento: a maioria é civil, com formações acadêmicas que vão desde a graduação ao mestrado. Professores com maior titulação ministram aulas no Ensino Médio. Na instituição, os professores devem cumprir rigidamente o cronograma da disciplina, baseado no Plano

37

Nacional de Educação, não sendo possível a realização de alterações em relação aos conteúdos ministrados ou mudanças na disciplina.

Levando-se em conta a estruturação da escola pública brasileira, há mudanças significativas de aspectos físicos presentes no Colégio: há salas de aula com ar-condicionado e ventiladores, laboratórios, biblioteca, quadras e Data Show a disposição de alunos e professores.

As normas da escola devem ser seguidas a risca por parte dos alunos: qualquer desobediência é punida com perda de pontos de comportamento, o que pode vir a acarretar a expulsão do aluno, caso os mesmos atinjam 0.

O Colégio possui as mesmas normas seguidas por outras instituições de ensino militar: alunos devem estar devidamente fardados, com o uniforme seguindo o padrão imposto pela instituição. Em caso de atraso, o aluno pode ser mandado para casa, faltas e atrasos devem ser justificados, professores faltosos também devem justificar suas faltas. Em caso de falta de professor, um oficial é enviado a sala para a realização de atividades cívicas ou fiscalização de atividade previamente escolhida pelo professor. Há um fiscal militar por turma e os mesmos circulam pelos corredores e auxiliam os professores.

As classes seguem o modelo tradicional de professor detentor do conhecimento a frente e os alunos enfileirados. Todo mês, é escolhido por parte da escola um chefe de turma, responsável pela frequência dos colegas e garantia do cumprimento das normas. Caso algum aluno da turma cometa algum delito, o chefe de turma é responsável por encaminhá-lo a coordenação pra punição.

Esses são aspectos compartilhados pela maioria das escolas militares do país.

Há grandes diferenças no tratamento dos alunos em relação a problemas e às escolas públicas: mal comportamento, comportamento estranho e atitude considerada imprópria são tratados com psicólogos presentes na escola. Bullying é punido severamente e, caso o chefe de turma se já acusado de abuso do poder pela turma, o mesmo pode acabar expulso.

Outra questão diferenciada é quanto a participação do Colégio em competições esportivas, musicais e acadêmicas: os alunos são estimulados a participarem de aulas de educação física (a mesma tendo grande importância e destaque na educação militar), aulas de música para a banda marcial do Colégio (alunos que compõe a banda tem horários de

38

ensaio diferenciados previamente escolhidos e maior “ranking” como aluno em relação aos colegas de classe). A participação em olimpíadas regionais e nacionais é louvada, com os alunos participantes tendo aulas específicas com os professores fora do horário de aulas. Quanto mais atividades extracurriculares como as acima citadas o aluno tiver na escola, mais honrarias ele terá e maior crédito e oportunidade de acesso á instituições militares de ensino superior

Apesar das regras e disciplina rígidas exigidas, a escola oferece apoio psicológico, e os professores e fiscais são á intervir caso percebem mudanças bruscas de comportamento ou até mesmo que o aluno não esteja sendo participativo. Atrasos e faltas frequentes são tratados diretamente com os responsáveis pelo aluno e a situação do mesmo é levada em questão na tomada de decisões por parte dos responsáveis pela escola.

O Colégio tenta, de várias formas, garantir a participação dos alunos em atividades voltadas para a formação e\ou com caráter de apoio a comunidade, que é incentivada á participar de festas e eventos organizados pelo colégio. A participação dos pais também é exigida: o comparecimento a reuniões e entrega de boletins, atividades extracurriculares e festas devem contar com a presença do responsável pelo aluno.

A comunicação escola-responsável também é buscada, com grande interesse por parte dos responsáveis e possibilidade de discussões com os professores. A entrega de boletins, por exemplo, é feita exclusivamente aos responsáveis e o mesmo pode marcar uma reunião com o professor para discutir o aluno, sendo os resultados obtidos pelo aluno discutidos em sala, além de ideias para melhoria de comportamento e notas.

Notas baixas podem acarretar a expulsão: alunos que ficam de recuperação mais de três vezes devem realizar a prova de admissão, caso queiram permanecer na escola, contudo casos especiais e problemas de aprendizado são levados em consideração. Danos ao patrimônio e\ou a estrutura da escola também estão entre as maiores punições possíveis, sendo essa punição muitas vezes a expulsão.

No mais, apesar de rígida, a escola é acolhedora e compreensiva aos alunos e a comunidade.

(Diário de Observação, ano 2016)

A impressão que tive, na época dos diários, foi a de que a escola era rigorosa, mas havia uma grande participação na vida da comunidade. Me lembrou bastante uma escola cristã, onde estudei em meu ensino fundamental: A escola era rígida,

39

com muitas normas, mas nos fazia olhar a comunidade e participar dela. Não esperava isso de uma escola militar, acreditava que a mesma seria como um quartel de exército, com tempo apenas para estudar, algo que mudou a minha ideia em relação a escola. Passei a vê-la como uma instituição que busca educar pessoas generosas e atentas as diferenças. Mudou também a forma como pensava de mim mesma como professora: é importante que os alunos não foquem apenas nas aulas e nos estudos, mas que eles também podem ser educados para aceitar e ver diferenças, independente da idade.

4.2. Algumas normas comuns aos Colégios Militares:

- O horário de entrada deve ser respeitado, não sendo permitida a entrada de alunos no segundo período de aula (exceção de alunos com justificativas);
- A solenidade de hasteamento da bandeira deve ser respeitada, não sendo permitidos alunos fora da posição de sentido;
- Uniformes devem estar completos, bem passados e limpos, alterações e personalizações não são aceitas;
- Homens devem ter o corte de cabelo estilo militar e mulheres manter seus cabelos em rabo de cavalo;
- Esmaltes coloridos, unhas compridas ou sujas não são toleradas;
- Todo mês, é selecionado um chefe de turma, responsável pela disciplina da sala, a posição de chefe de turma não pode ser recusada e é considerada um privilégio;

- No início de cada aula, a turma é “apresentada” ao professor: os alunos, liderados pelo chefe de turma, entram em posição de sentido e batem continência ao professor;
- O aluno estando uniformizado deve dar o respeito correto ao militar que encontrar (continências);
- Em caso de falta de professor e na ausência de um substituto e/ou atividade pré-programada, o militar responsável pela turma deve realizar alguma atividade cívica ou física com alunos (prática de esportes, marchas, etc.);
- Maquiagens e fora da cor natural não são aceitos;
- Alunos de escolas militares não são autorizados a manter relações físicas com outros alunos dentro da escola;

40

- Alunos de escolas militares não são autorizados a participar de manifestações, mesmo que estejam em roupas civis. Atividades realizadas fora da escola que possam vir a ser considerados comportamentos ruins também não são aceitos;
- Alunos com bom desempenho em atividades escolares e esportivas ganham premiações como medalhas e o alamar (serve como uma patente, mas apenas de forma exibitiva, o aluno com alamar não tem tratamento diferenciado)
- Professores devem seguir um padrão de vestimenta: cabelos e unhas grandes não são aceitos, as roupas devem estar passadas e serem apresentáveis, tatuagens não devem estar a mostra, professoras devem manter os cabelos presos;
- A pontuação final da escola inclui 2,0 pontos de disciplina;
- Algumas escolas podem cobrar uma pequena contribuição financeira aos alunos (Diário de Observação, ano 2015)

Essas regras já me impactaram mais: não participar de protestos, mesmo em roupas civis? É como se a escola impedisse os alunos de se expressarem e desenvolverem. Claro, algumas delas são regras comuns, mas a rigidez com que são exigidas aqui é bem maior.

Quando se analisa essas regras, é bem perceptível a crítica feita por Dejací Oliveira acerca da militarização das escolas, uma vez que é possível perceber toda a cultura de medo presente nas escolas militares.

Justifica as críticas, mas não o fato de não haver inserção no meio dessas escolas e a minha experiência em uma escola militar me mostrou que há sim mudanças, que a mesma se abre, deixa as regras arcaicas e opressoras de lado.

4.3. Os Alunos

4.3.1. Rigidez x Resistência

Muitos consideram as regras das escolas militares como opressoras e doutrinantes, por sua natureza severa e dura. Contudo, pequenos atos de resistência por parte dos alunos não são punidos: ao caminhar pelo colégio, é possível perceber mudanças simples e sutis nos uniformes, com a inclusão de bótons e broches, meias e sapatos fora dos padrões, acessórios diferentes dos permitidos nos cabelos, esmaltes coloridos, uso de acessórios e maquiagem simples e discreta.

Essas pequenas resistências são tratadas como comportamento comum e típico do adolescente e, apenas em caso de algo muito fora do padrão, costumam ser irrelevantes pelos militares. Muitos alunos personalizam seus uniformes e não são punidos por isso. O colégio considera um problema maior o estado de limpeza e uso correto e completo do uniforme, tanto o comum, utilizado para as aulas normais, quanto o de educação física. Há um terceiro uniforme, utilizado em solenidades pelos alunos: esse uniforme não pode sofrer nenhuma modificação, tendo punição grave caso esteja em más condições e/ou modificado.

Muitos alunos quebram regras simples e comuns às escolas em geral: conversar durante a aula, mudar de carteira, dormir, etc. A não ser que a ação do aluno gere um

prejuízo à aula ou ao professor, esses são considerados comportamentos normais e não punidos.

Fora essas, as demais regras do Colégio seguem o padrão comumente presente nas escolas de todo o país.

Os professores têm a liberdade de escolha da forma como administrar as aulas: mudanças na conformação da classe, ideais conflitantes aos do Colégio, discussões com temas éticos e morais, ciclos de palestras baseados em questões presentes no dia a dia de jovens são estimulados, apesar de haver certa resistência por parte das Instituições Militares a mudanças nas normas.

Os alunos têm acesso inclusive aulas de temas conflitantes aos pregados por essas instituições, como filosofia, sociologia e artes, que são ministrados desde o Ensino Fundamental ao Médio, tratando de temáticas como direitos humanos, resistência e

42

princípios filosóficos, temas geralmente atados como incompatíveis aos propostos e pregados pelas instituições militares.

Contudo, em relação às formas de transmissão do conhecimento, percebe-se que não há mudanças: a Instituição considera a metodologia de exposição do conhecimento seguida de prática como de sucesso e satisfatória (e justificam sua manutenção através dos resultados obtidos em exames nacionais, como o ENEM e em olimpíadas), portanto apesar de tudo há priorização dessa metodologia.

Há também a cobrança aos professores: nas escolas militares, há um tempo determinados na carga horária do professor destinado ao planejamento das aulas, que deve ser cumprido dentro de uma área designada aos mesmos, onde eles têm acesso a livros e a internet e o plano de aula devem ser entregue e aprovado pelos militares.

Novamente uma quebra dos ideais da escola: apesar de precisar ser aprovado, raramente são feitas modificações ou pede-se ao professor que mude algo em seu planejamento, a não ser para acomodação de atividades cívicas.

Outro fator interessante inerente ao Ensino Militar no Brasil são aulas de constituição e justiça: como as escolas militares preparam alunos para o serviço militar, é de extrema importância que os mesmos tenham conhecimento das leis federais e funcionamento do país. Essa disciplina costuma ser aplicada nos anos iniciais, portanto o

aluno cresce tendo um conhecimento de legalidade que acaba sendo um diferencial na constituição dos próprios ideais dos alunos é um grande incentivo à formação de pessoas conscientes das normas e regras do próprio país.

Quando se estabelece um diálogo com os mesmos, é perceptível que há fortes questionamentos em relação ao mundo e até mesmo às normas da escola: ao receberem advertências que considerem infundadas, os mesmos buscam a coordenação para entender o motivo da mesma. Caso considerem a advertência válida, buscam justificá-la, se considerarem que há uma justificativa plausível. Caso contrário, aceitam o erro e a punição.

Há também um diálogo estabelecido pelos alunos com os militares, a coordenação e os professores: os alunos, por si mesmos, se organizam para levar questões a serem discutidas com a coordenação, quando julgarem algo errado ou impróprio. Também levam

43

sugestões a serem discutidas e costumam ser ouvidos e respeitados, muitas vezes com o coronel responsável pela direção do Colégio presente para a discussão.

4.3.2. Retomando os Diários

Eu esperava um ideal de limpeza e organização de uma escola militar. Também havia várias expectativas acerca do comportamento e dedicação dos alunos: tinha a ideia que todos os alunos são obedientes e quietos, que ficam a aula inteira calados, sem conversar entre si ou fazer qualquer barulho, como robôs, programados para obedecer. Não foi o que acabei por observar:

As turmas costumam ser bem grandes e as salas, apesar de algumas bem espaçosas, ficam cheias, há bastante pó, barulho e lixo. Uma conformação interessante é a de que os melhores alunos se encontram em turmas de letras iniciais como A e B. Em se tratando de turmas do ensino fundamental, notava-se a inquietude comum a crianças, com as mesmas fazendo barulho e conversando. As cadeiras e mesas estavam dispostas em fileiras formando corredores estreitos entre si, onde mal podia se passar, e a fileiras terminavam bem na frente, reduzindo também o espaço do professor. Nota-se que os alunos mais aplicados que realmente prestavam muita atenção na aula eram meninos que estavam sentados desde o centro até a frente da sala, perto do professor. No fundo e nas laterais eram formadas, em sua grande maioria, pelas

meninas, que davam mais trabalho, algumas conversavam muito, atrapalhavam a aula, se exibiam, outras gritavam com a outra, andavam e passavam boa parte da aula se maquiando. (Diário 1, ano 2015)

O comportamento dos alunos até considero normal para a idade e realmente é fatídico permanecer sentado, apenas escutando o professor, por várias horas por dia. Mas o excesso que observei de indisciplina, levando-se em consideração tratar-se de uma escola militar, pode ser fruto exatamente do excesso de regras: estando numa idade onde se é comum os questionamentos e desafios a autoridade, será que essa rigidez nas normas pode vir a despertar, nos alunos, a tendência ao desafio?

A conformação tradicional da sala de aula também foi algo esperado, mas que também considero uma forma de rigidez e garantia de não questionamentos, uma vez que a sala de aula tradicional privilegia a fala do professor e oferece poucas oportunidades de fala

44

ao aluno. O professor é o detentor do conhecimento e os alunos devem permanecer calados, apenas aceitando o que lhes é passado, sem poder questionar. Segundo Allwright (1980), o professor, além de deter a maioria dos turnos, também é responsável pela maioria das interrupções e é o que mais rouba os turnos. É ele também quem faz as solicitações pessoais.

O fato de os alunos estarem organizados de uma forma que, os considerados melhores alunos, aqueles detentores de melhor comportamento e maiores notas, estejam no centro, me fez refletir nas implicações dessa conformação em um grupo de jovens em processo de formação: pode gerar nos demais a sensação de não serem o suficiente e acabe por criar um comportamento onde esses alunos ajam de forma a tentar chamar a atenção para si, já que podem se considerar ignorados. Tive a impressão que essa característica gera nos alunos uma sensação de esforço não compensado, trazendo sentimentos negativos em relação a educação e transformando a educação em uma experiência traumática.

Inclusive, notei uma certa resistência a mudanças quanto a conformação da sala, o que foi bem interessante de observar: ao realizar uma atividade em grupo em uma regência, os alunos questionavam o motivo de ter de sair dos lugares que costumam ocupar. Forçá-los a sair de sua zona de conforto por rotina foi importante para mostrar para eles que mudar de lugar não influencia no aprendizado deles e que essa é uma liberdade que eles deveriam buscar.

A sensação tida foi a de que a escola tolhia os alunos em relação a forma como devem se portar, a fim de evitar que os mesmos conversassem e questionassem o modelo de organização da escola. Como a escola deveria servir como um modelo de sociedade, garantir que os alunos se juntem e façam questionamentos é uma forma de dominação.

“As instituições escolares representam armas de contestação e luta entre grupos culturais e econômicos que tem diferentes graus de poder” (GIROUX, 1986, p. 17).

Quando os alunos não questionam, acabam por se tornar marionetes fáceis da ordem social e a impressão tida era a de que, como as regras eram muitas e os alunos não poderiam questioná-las, a escola serviria como uma forma de gerar os indivíduos perfeitos para manter as normas sociais atuais, sem haver discussões, apenas obediência.

Me chamou a atenção o fato de, apesar das rígidas regras em relação à aparência pessoal, especialmente na proibição de maquiagem e adereços e especialmente levando-se

45

em conta a idade dos alunos, os mesmos conversarem abertamente sobre festas, relacionamentos e maquiagem.

O teor das conversas foi muito impressionante, em se tratando de meninas de 12 e 13 anos, mas conversavam sobre festas e sobre namorados, garotos

que queriam ficar e beijos. As “panelinhas” são menos disciplinadas e conversavam mais, ignorando completamente o professor e caminhando livremente. Apesar disso, nos momentos em que decidiam prestar atenção, formulavam perguntas condizentes aos conteúdos ministrados. (Diário 1, ano 2015)

O uso de maquiagem é proibido no exército, a fim de criar a ilusão de seres não femininos, sendo uma instituição patriarcal, a presença de mulheres, vistas como frágeis, não é interessante para as demonstrações de poder exigidas. O fato de as alunas se maquiarem e agirem abertamente como meninas no auge de sua pré-adolescência mostrou-me um caráter de resistência, além de ter-me parecido como uma busca por sua feminilidade.

Essa busca pela sua feminilidade é interessante, uma vez que, como estão no início de sua adolescência, esses adereços podem significar um desenvolvimento de

personalidade, mesmo que seja desenvolvida como uma forma de resistência. Eu achei que as alunas não se conformam e aceitam ordens, mas não se submeterá a elas, podendo ser o princípio de uma militância feminista, como também pode trazer a discussão do uso da maquiagem como uma imposição da sociedade a feminilidade. Se por um lado, as alunas podem ter a sensação de resistir às normas da escola, por outro elas acabam por aceitar uma norma imposta pela sociedade acerca de seu gênero. É interessante pensar que, às vezes, parece que não há formas de romper as normas sociais. Pois, mesmo quando buscamos formas de libertação, caímos em outros padrões impostos e foi triste perceber essa noção através do comportamento das alunas.

Foi bem interessante comparar o comportamento de turmas ao longo do estágio: se em uma turma os alunos pareciam mais maduros e precoces, em outras, era o exato oposto: o comportamento era tipicamente infantil.

46

Como sabiam que havia estagiários na escola, eles esperavam na frente à sala, ansiosos, pois já haviam sido avisados da presença. Alguns alunos conversam durante a aula, ou simplesmente não prestam atenção, mas o barulho é significativamente menor e a participação da turma na aula é grande, além de ser menos barulhenta, não havendo gritos ou brigas para ver quem vai ler primeiro. Novamente com o bom comportamento, tenho a impressão que os alunos nos receberam de braços abertos, o que contribuiu muito para que tivéssemos um bom relacionamento com a turma. A turma começou a nos tratar como se fôssemos parte dela, sentando próximo e puxando conversa, fazendo várias perguntas. A receptividade dos alunos foi bem maior. Por já estarem acostumados a nossa presença, faziam um pouco mais de barulho e interagem sempre que possível conosco. (Diário 2, ano 2015)

Levando-se em conta a exigência da disciplina, encontrar alunos que desafiavam professores e monitores abriu novas perspectivas acerca do ensino militar:

Num dado momento, foi pedido a uma aluna que anotasse 5 nomes de colegas que estivessem atrapalhando a aula. Apesar da indisciplina, a professora tenta interagir, através de perguntas e discussões, que acabam por virar feiras de conversa. A professora também trouxe um modelo de útero e desenvolvimento embrionário para ilustrar o assunto

abordado. Como a turma estava muito alvoroçada, a professora pediu os nomes dos 5 alunos e colocou-os para fora de sala. Dois alunos se recusaram a sair e foi necessário chamar um monitor de corredor para tirá-los. Momento em que os alunos se acalmaram e a aula pode continuar. (Diário 1, ano 2016)

Uma reflexão interessante ocorreu acerca dos estágios no ensino fundamental: ele dá um espectro melhor do desenvolvimento de alunos, pois se pode ver como alunos de várias faixas etárias se comportam, especialmente quando o tema é considerado polêmico ou incomum ou chama bastante à atenção dos alunos.

Um fato que me incomodou foi a falta de liberdade por parte do professor de escolher qual a metodologia mais interessante para uma determinada turma. Apesar de a escola permitir ao professor escolher a metodologia que ele considera interessante, essa metodologia deve ser aplicada em todas as turmas, não podendo haver mudanças quanto a

47

maturidade ou participação da turma nas aulas. Mudanças no formato das aulas por turma deviam ser permitidas, de forma a garantir uma aprendizagem significativa e menos mecanicista, como é a proposta pela escola, apesar de ter um grande favoritismo em relação a aulas práticas e ilustrativas, o sair da sala de aula e trazer um conhecimento prévio do aluno não são levados em consideração. Sem contar que cada turma é diferente e, se pudesse haver essa mudança de acordo com a turma, talvez fosse possível conseguir resultados melhores, já que resultados é algo que a escola preza bastante.

Perceber as particularidades de cada turma e se adaptar a elas é algo que trago como uma forma de garantir uma aprendizagem mais participativa, sem contar que tiraria a noção de fábrica de conhecimento tida acerca da educação oferecida atualmente.

Se o professor tivesse a liberdade de escolher a metodologia de ensino por turma, talvez se conseguisse uma maior participação por parte dos alunos, uma vez que haveria uma personalização de acordo com o comportamento e particularidades observadas em cada turma. Essa padronização do ensino acaba por excluir uma parte dos alunos do processo de aprendizagem, pois os mesmos perdem o interesse ou não conseguem prestar atenção à aula, por considerarem a metodologia fatídica. Também há o problema da repetição da metodologia: não importa que sejam disciplinas diferentes, como todas as aulas são dadas seguindo uma única fôrma, a aprendizagem torna-se cansativa.

Acabei por perceber que a conformação que coloca os melhores alunos na frente do professor, recebendo mais sua atenção, acaba por se tornar opressora e excludente: se o aluno não tem uma motivação para a aula e é posto em escanteio por não ser “bom o suficiente”, ele perde o interesse na aula e se exclui do processo de aprendizagem.

Apesar disso, era perceptível que os alunos aprendem e levam esse aprendizado à diante, mas a forma maçante e tradicional poderia ser revisada.

Outro fator digno de nota é que a escola promove essa liberdade ao professor, desde que o mesmo siga o plano de ensino decidido no início do semestre. Algo alheio às normas e regras das escolas militares, mas que parece não ser utilizado pela padronização e facilidade de aplicação de aulas quando se leva em conta a quantidade de turmas.

4.2.3 Retomando os diários de Ensino Médio

A impressão que eu tinha era que alunos mais velhos, nos anos finais da formação escolar, seriam mais comportados e responsáveis, além de ter uma preocupação maior com

48

notas e resultados, em virtude de prestarem o ENEM em, no máximo dois anos. Não foi o que observei.

Ao passar uma atividade em grupo, pode-se perceber que muitos pareciam não querer fazer ou não entender o real sentido daquilo, mas ao fim da aula quase todos tinham concluído tudo e a professora passou corrigindo e explicando os modelos. A segunda aula se desenrolou em outra turma e as observações de comportamento foram muito semelhantes à da primeira. A sensação tida foi de que havia um certo desinteresse da professora e muita dificuldade por parte dos alunos, faltou uma orientação concisa. A aula tinha como objetivo ser prática, mas a sensação era de que a prática e a teoria não se relacionavam. (Diário 2, ano 2016)

É importante observar que, de acordo com PRIGOL E GIANOTTI (2008), na disciplina de Biologia, a prática não deveria ser desvinculada, ou seja, separada da teoria. As aulas práticas possuem um caráter investigativo, que ajudam na construção do pensamento científico dos alunos. As novas metodologias de educação devem relacionar o que é aprendido na sala de aula com aquilo que o aluno vivencia no seu dia a dia. As autoras ainda

afirmam que, de modo geral, os alunos têm enfrentado dificuldades na assimilação dos conteúdos nessa área do conhecimento.

Quando se propõe uma atividade prática em grupo, é importante que essa seja diferente do que normalmente é visto teoricamente em sala de aula. A prática deveria servir como ilustração da teoria, uma forma mais didática de visualização da teoria. Contudo, quando não há essa separação entre teoria e prática, a prática passa a ser só mais uma aula comum e mais trabalhosa e os alunos pareciam perder o interesse na mesma.

Também é importante que haja interação do professor: a prática não funciona se o professor não tenta ser parte da mesma, como um instrutor, enquanto os alunos são os responsáveis pelo apropriação do conhecimento através da prática. Percebi que, nessa prática, a professora não agiu como uma instrutora e se distanciou da turma e foi algo ruim para o andamento da atividade, pois os alunos agiam como se não fosse algo diferente, trazido para melhorar sua compreensão, mas apenas mais uma aula, o que vai de contra a proposta de prática como forma de solidificação do conteúdo.

49

Um aspecto interessante observado era acerca das modificações nos uniformes, observadas pela primeira vez no Ensino Médio.

Durante a aula, é interessante observar que alguns alunos modificam de pequenas maneiras seus uniformes: alguns usam bótons, outras modificam o comprimento da calça e/ou camisa. Algumas alunas utilizam outras blusas por baixo e abriam a camisa do uniforme, a utilizando como uma jaqueta. Havia também o uso de maquiagem de forma discreta: um gloss rosado, um protetor solar que funciona como base, rímel nos cílios e blush são perceptíveis quando se observa bem. Alguns meninos não utilizavam o cabelo em corte militar, apesar de mantê-los curtos, de forma a não chamar muita atenção. As meninas, por sua vez, usavam prendedores coloridos, tinham unhas pintadas de cores claras e utilizavam acessórios como colares, anéis, pulseiras e brincos (alguns bem grandes e chamativos) (Diário 3, ano 2017)

Essas modificações são uma forma de apropriação do corpo e demonstração de personalidade, afinal, ninguém quer ser igual ao outro. Essas modificações não podem apenas ser consideradas uma forma de resistência contra as normas rígidas da escola, mas também

uma forma de se expressar, uma parte da personalidade do aluno que é incorporada em sua rotina.

Essas modificações são uma clara exibição da resistência que Giroux retrata, uma vez que são a forma encontrada pelos alunos de mostrar a escola, com sua educação excludente, que eles são pessoas em formação, que buscam o próprio eu e mostram que, não importa os métodos utilizados para toli-los e impedi-los de criticar, eles pensam e criticam ativamente seu meio. É também uma clara utilização do corpo como centralização do homem como um objeto de saber. Ao se descobrirem, os alunos mostram o que Foucault quis traduzir em seus ensaios.

Também podem representar um sentimento de individualização por parte dos alunos, uma vez que, tendo em conta as normas em relação ao uso de uniforme, eles acabam por sofrer uma padronização, que os transforma em produtos rotulados. E essa ideia de fugir dos rótulos é algo comum, mas a qual os alunos são impostos, aqui parecia que o sentimento era mais forte e mostra, para mim, personalidades fortes, que não se submetem ou deixam ser moldadas.

A diferença de comportamento entre as turmas de Ensino Médio chamou a atenção;

Turmas de segundo ano tem comportamento pior: pareciam mais imaturos, eram menos participativos e mais barulhentos, desrespeitavam abertamente a professora. Eles faziam muitas brincadeiras e geralmente estavam agitados. A professora se irritava muito e dava uma aula muito superficial de revisão para a prova com algumas imagens no power point sobre o tema mamíferos e aves. Alguns alunos reclamaram dessa aula mais rápida e só com fotos de slides. Acredito que a professora poderia ter usado outros recursos que chamassem mais atenção e que melhorariam sua aula, como modelos didáticos, livros e exemplares da anatomia dos animais. As turmas de terceiro ano tem a sensação de precisarem ser mais ativos nas aulas e responsáveis pois há a expectativa do último ano escolar, o ano que define a sua vida. Apesar disso, percebia-se que muitos não se interessavam, dormiam ou não participam, conversavam bastante durante a aula e eram bem imaturos na realização de atividades. Talvez pela rotina exigente: o terceiro ano tem aula de amanhã à tarde, sendo como um turno integral. (Diário 3, ano 2017)

Em se tratando das minhas regências, novamente um comportamento participativo e respeitoso: talvez por ser algo diferente da rotina, os alunos eram mais quietos e participativos, até mesmo o problemático segundo ano(para mim, claro) participava, especialmente quando foi trazido para a sua a proposta de um jogo quizz, onde os alunos foram divididos em grupos e tinham que responder perguntas, o que pareceu-me ter trazido a tona o comportamento competitivo dos mesmos, apesar de ter sido necessário que eles estudassem o assunto com antecedência.

Essa competitividade é, para mim, aquém ao exército, pois há todo um processo de premiação aqueles que se saem melhor, além de ter uma maior participação por parte dos alunos, que se sentem motivados pelo próprio comportamento inato de ser melhor.

Utilizei o modelo de discussão com o terceiro ano, tendo exemplos fósseis e o assunto, evolução, até mesmo os alunos que dormiam decidiram participar, tirando dúvidas, pedindo

opiniões pessoais e até mesmo propondo discussões sobre a temática religião x evolução. O objetivo principal aqui era quebrar taboos e ideias preconceituosas. As discussões como metodologia de ensino dão ênfase à interação e cooperação dos educandos, levando-os a enfrentar tarefas de estudo em conjunto.

Essa quebra de normalidade pareceu-me ser um fator importante nas aulas: os alunos mostravam-se surpresos de poderem participar com seus conhecimentos e opiniões da aula e não serem obrigados a aceitar apenas as visões e conclusões dos professores. A rotina pode ser significativa para a aprendizagem mas, ao mostrar uma maneira diferente de se apropriar de um conhecimento, os alunos pareciam se sentir parte de seu processo de aprendizagem.

A noção tida era a de que a mudança de rotina fazia bem aos alunos, que participavam ativamente da aula, tinham maior interesse por estudar e compreendiam melhor o conteúdo. E esse interesse foi importante para que os alunos percebessem que apropriar-se do conhecimento e ser parte dele também é uma forma de se impor em relação as regras, pois na norma comum, o detentor do conhecimento é quem tem o poder.

Embora notei que havia certa resistência por parte de alguns: após tanto tempo seguindo uma rotina, sair dela os tirava de sua zona de conforto e gerava ansiedade e insegurança, uma consequência do ensino tradicional, pois o aluno não é costumado a pensar por si próprio, quanto ao desenvolvimento de sua criatividade ao contrário, ele é desencorajada a fazê-lo pois seu conhecimento é desprezado quando comparado ao professor. Uma típica metodologia opressora que, infelizmente, é muito presente nas escolas brasileiras. Isso torna o conhecimento algo a ser recebido e não construído. Enquanto essa metodologia de discussões permite que o aluno tenha o poder sobre suas próprias visões e sejam capazes de formulá-las e expressá-las. Essa noção era algo que eu tinha desde o meu ensino médio e a experiência na escola me mostrou isso. Na verdade, durante todo o estágio, houve pensamentos e ideias de situações que eu passei durante a minha época na escola, reflexões e noções acerca da minha própria formação escolar básica: refleti bastante sobre a metodologia dos meus professores e minhas dificuldades e facilidades para com o conteúdo baseado nessas metodologias e até mesmo algumas atitudes minhas nesse período. A escola militar também foi uma grande surpresa: vinda de

uma família com histórico militar, sempre achei que, numa escola militar, nenhuma liberdade era oferecida, nem ao aluno, nem ao professor. No entanto, quando cheguei na escola, notei que, na verdade, os alunos são crianças e adolescentes normais, estar na escola não os fazia super alunos obedientes e responsáveis, como eu imaginava. Ter essa experiência me fez rever refletir sobre mim, sobre minhas ideias acerca de escolas militares e, acima de tudo, sobre meu próprio processo de aprendizagem, o que eu gostaria de aproveitar dos meus professores e das minhas experiências para incorporar no meu eu como professora.

Essa resistência a mudanças parece vir do longo período de opressão: os alunos passam tantos anos apenas obedecendo regras, especialmente em seus anos iniciais, quando são mais facilmente assustados e tentam, de todas as formas, se encaixar. Essas atitudes trazem um significado maior às resistências quanto ao uniforme e comportamento, fazendo que seja possível ver mais claramente o que propõe Giroux: é um claro diálogo entre as estruturas de dominação e a resistência encontrada.

Percebi que, não preciso me distanciar dos alunos, posso ser parte do grupo deles, conversar e interagir com eles, o professor não é só um projetor de conhecimento, independente das normas da escola e que essa aproximação é boa. Também notei que regras são boas e devem ser impostas e cumpridas, mas não há nada que impeça uma fagulha de resistência de incendiar o grupo, quando essas regras se tornam opressoras. Toda a minha experiência de estágio serviu para mudar a forma como eu via não só a escola e os alunos, mas a mim mesma e serviu como um modelo de mim mesma como professora no futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrar em uma Escola Militar, há sempre o choque inicial em relação as regras que, é preciso admitir são excessivas e, muitas vezes, infundidas.

Mas, conforme se introduz no sistema do Colégio, percebe-se que, apesar de tudo, os Colégios Militares formam alunos capazes de questionar as regras, mas que também as aceitam e respeitam. Os alunos resistem as regras?

Sim, apesar das rígidas regras, é perceptível que os alunos as quebram sim, quando o julgam necessário, mas o fazem de forma sutil, sem chamar a atenção, é como uma resistência silenciosa, onde há uma noção de ser contra algo mas, na incapacidade de enfrentar esse algo, utiliza-se formas simples e praticamente imperceptível de resistência.

Através desses atos de resistência, os alunos se impõem ante a opressão das regras impostas pela escola. O que geralmente não ocorre, uma vez que a educação tradicional é pensada de forma a gerar conformação nos indivíduos.

Esse mantimento de estruturação tradicional acaba por ser uma forma de alienação, pensada para gerar indivíduos conformados, sendo que a educação deveria ser para um instrumento de libertação.

Na minha opinião, as regras presentes em instituições de ensino militar são excessivas e opressoras, há uma rigidez injustificada, em se tratando da educação de seres humanos, ainda em processo de desenvolvimento de personalidades e características pessoais. Isso gera uma supressão do si mesmo e cria uma linha de montagem de seres humanos, onde o professor é um programador de pessoas, feitas sob medida.

A resistência demonstrada não é infundada, uma vez que os alunos são obrigados às normas e regras do país, isso cria uma conscientização política eu se opõe aquela observada nos “justiceiros de teclado”, que mal compreendem um assunto ou sequer leram uma notícia e se sentem no direito de expor uma opinião sem nexos.

Mas, ao mesmo tempo que oprime, esse sistema proporciona um desenvolvimento da visão crítica social e jurídica, não os tornando pessoas alienadas, tão comumente encontradas, como a geração atual se mostra.

Não é só de disciplina e aceitação sem questionamento que os alunos do Colégio Militar são formados, mas, dá escola, saem pessoas capazes de seguir regras,

questionando-as sempre que as considerarem impróprias, alunos que participam ativamente da própria formação e até mesmo da constituição do país.

Utilizei o modelo de discussão com o terceiro ano, tendo exemplos fósseis e o assunto, evolução, até mesmo os alunos que dormiam decidiram participar, tirando dúvidas, pedindo opiniões pessoais e até mesmo propondo discussões sobre a temática religião x evolução. O objetivo principal aqui era quebrar taboos e ideias preconceituosas. As discussões como

metodologia de ensino dão ênfase à interação e cooperação dos educandos, levando-os a enfrentar tarefas de estudo em conjunto.

Aqui, os ideais de resistência como forma de combate ao poder imposto de Giroux são perceptíveis, por se tratar de uma instituição de ensino que se baseia em obediência e aceitação e que utiliza uma metodologia tradicional. Os alunos buscam rebelar-se e questionar o mundo, independente do que é imposto a eles. Não há conformidade e aceitação, há obediência, mas há também rebelião e esses atos contrários as regras acabam por gerar modificações na forma como a escola trata alunos.

Claro, a maioria deles ainda não tem idade para compreender as consequências de suas ações e tentar buscar melhorias ainda maiores em seu ensino através de suas resistências, mas isso só mostra que o ato de não aceitação de regras é algo inato ao ser humano e não importa a forma utilizada para oprimi-los e torná-los obedientes, sempre haverá alguém que não concordará e incitará os outros contra essas ações. Observar esse comportamento em alunos de anos iniciais de educação mostra que esse processo conformacionista só é completado após anos de opressão.

As observações feitas acerca da escola serviram como uma quebra de uma ideia: espera-se que alunos de escolas militares sejam obedientes e acríticos, levando em conta a experiência na Escola, os alunos se mostram questionadores e com as próprias opiniões, mesmo que não sejam encorajados a tal.

6.REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

A **DEFESA NACIONAL**. Editorial. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 1-3, out. 1913.

ABRAHÃO, M.H.M.B. **Pesquisa (auto)bio-gráfica – tempo, memória e narrativas**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). *A aventura (auto)biográfica – teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 201-224.

ALLWRIGHT, R. L. **Turns, topics, and tasks: patterns of participation in language learning and teaching**. IN: LARSEN-FREEMAN, Diane. *Discourse analysis in second language research*. Rowley: Newbury House, 1980.

ANDRADE, P., PORTELLA, S. **Unidade de doutrina**. *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 131, p. 245-246, nov. 1924.

ANPED. "**Militarização**" de escolas públicas – **solução?**, ANO 2015

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2007.

BRASIL **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2016.

BRASIL. **Exército do Governo. Ingresso - Colégios Militares**, ano 2012. Página visitada em 21 de dezembro de 2017

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Colégio Militar de Campo Grande. Manual do aluno 2011**. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002**. In: _____. Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército: valores, deveres e ética militar (VM 10). Brasília, DF, 2002

BENEVIDES, A.A, SILVA, R.B. **DIFERENCIAL de DESEMPENHO das ESCOLAS MILITARES: BONS ALUNOS oo BOA ESCOLA?**. Sobral,2016

CASTRO, C. De Oliveira, I.C; Viegas, V. **Escolas Militares:- o controle, a cultura do medo**. Goiás: Escultura; produções editoriais. Ed.2016.

CATANI, D.B.; *et al.* **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 2000.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1994.

CELLARD, A. **A Análise Documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

Colégio da Polícia Militar General Edgar Facó - CPMF. Página O Colégio. Disponível em: <<http://cpmgef.com.br/>>. Acesso em: 18 de SET.2017

CORAZZA, S.M. **Currículo na Contemporaneidade. Formação Continuada**: Blumenau, 2008.

Flick, U. (2002). Entrevista episódica. Em M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (pp. 114-136). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

Flick, U., von Kardorff, E. & Steinke, I. (Orgs.) (2000). **Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick. [O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]**. Em U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), **Qualitative Forschung: Ein Handbuch [Pesquisa qualitativa - um manual]** (pp. 13- 29). Reinbek: Rowohlt.

FERREIRA NETO, A. **A Pedagogia no Exército e na Escola: a Educação Física Brasileira**(1880-1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.

FERREIRA NETO, A. **A Pedagogia no Exército e a Escolarização da Educação Física Brasileira**. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006, Goiânia – GO. A Educação e seus Sujeitos na História. Goiânia – GO: SBHE/UCG, 2006. p. 1-10.

GALAVIZ, Brian et. al. **The Militarization and the Privatization of Public Schools**. Berkeley Review of Education, v. 2, n. 1, p. 27-45, 2011.

GERMANO, J.W. **Estado Militar e Educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

GIROUX, H. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**. Editora vozes

GIROUX, H. **Os Professores como Intelectuais: Rumo a uma Pedagogia Crítica da Aprendizagem**. Artmed, 1997.

HAJJAR, Remi M. **The Public Military High School: a Powerful Educational Possibility**. Armed Forces & Society, v. 32, n. 1, p. 44-62, 2005.

Inspetoria do ensino militar. Rio de Janeiro, ano 24, n. 279, p. 259-260, 1937.

LIPMAN, Pauline. **Chicago School Policy: Regulating Black and Latino Youth in the Global City**. Race Ethnicity and Education, v. 6, n. 4, p. 331-355, 2003.

LIMA, M.E.C.C; GERALDI, C.M Grisolia; GERALDI, J.W. **O Trabalho com Narrativas na Investigação em Educação**. Edc. Reve., Belo Horizonte, v.31, n.1, p 17-44, mar. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010246982015000100017&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>.

LUCHETTI, M.S.R. **O Ensino no Exército Brasileiro: Histórico, Quadro Atual e Reforma**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

Mayring, Ph. (2002). **Einführung in die qualitative Sozialforschung [Introdução à pesquisa social qualitativa]**. (5ª ed.). Weinheim: Beltz.

MENDES, C.F.M. **O Sistema Colégio Militar do Brasil**.2014

MIZUKAMI, M. G. N., *et al.* **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 200

NETO, A.F. **A Pedagogia no Exército e na Escola: a Educação Física (1920-1945)**. Motrivivência. Florianópolis, n. 13, p. 35-62, jan. 1999.

NOGUEIRA, J.G. **EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO = MILITARY EDUCATION IN BRAZIL: A BRIEF HISTORY**. CAMINE: Caminhos da Educação = Camine: Ways of Education, Franca, v. 6, n. 1, p. 146-172, jun.

2014 ISSN 2175-4217. Disponível em:

<<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1052/1124>>. Acesso em: 29 nov.2017.

NÓBREGA, L. F. M., & SECCO, M. B. **Evolução da Educação Física no Exército Brasileiro**.

SANTOS, C.A.N. **A Concepção de Professor como Intelectual Transformador de Girou e sua Contribuição para a Prática Profissional de Professores iniciantes**. São Carlos, 2010.

PIRASSINUNGA, A.S. **O ensino militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

PRICE, Hugh B. **About Face: a case for quasi-military public high schools**. Educational Leadership, v. 65, p. 28-34, maio, 2008.

RIGHENTI, J; BIAVATTI, V.T; SOUZA, T.R. **Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos**. Revista Gestão Universitária na

América Latina - GUAL, Florianópolis, p. 281-304, nov. 2015. ISSN 1983-4535.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2015v8n3p281>>. Acesso em: 04 dez.2017.doi:http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2015v8n3p281. B

SILVA, T.T. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 1999.

SOUZA, A.P.G *et. al.* **A escrita de diários na formação docente**. Educação em Revista. 28. 181-210. 10.1590/S0102-46982012000100009.

SOUZA, G.M. **Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB):Uma referência de gestão educacional da rede federal de ensino brasileira**, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. São Paulo: Ed. Autêntica, 2004.

7. APÊNDICES

Diários de Observação do Ensino Fundamental I

As observações das aulas ocorreram durante quatro sextas-feiras (dias 14/08, 21/08, 04/09 e 11/09 de 2015), sendo duas aulas (de 14:30 às 16:20) na turma do 7º ano F (aula gemida pelo intervalo) e duas aulas (de 16:20 às 18:00) na turma do 7º ano D.

Turma F

1º Dia de Observação

Chegamos na escola quinze minutos antes da segunda aula às 14:30, quando o professor de ciências vai dar aula. Esperamos tocar e nos dirigimos para a sala de aula acompanhando o professor que saía de outra turma. Ao chegarmos na sala de aula, os alunos estavam bastante agitados e com olhinhos curiosos para saber quem eram as visitantes. Houve a apresentação da turma feita pelo líder daquela semana com todos em pé batendo continência, apresentando

à turma ao professor e pedindo permissão para sentar e começar a aula, que teve início depois de todos se sentarem. O professor explicou o motivo de nós estarmos ali e nós nos apresentamos. Escolhemos uma cadeira no fundo da sala para que pudéssemos observar melhor todos os alunos. A turma é grande para o tamanho da sala que é muito quente, os ventiladores não adiantavam e faziam muito barulho, o que somado ao barulho que os alunos faziam, tornava difícil para qualquer professor ser ouvido, por isso o professor tinha que falar muito alto para ser ouvido. Podia-se observar também uma grande quantidade de lixo e pó, que ficavam circulando ao vento. A aula era sobre artrópodes. Os alunos estavam muito agitados, em parte porque são assim mesmo e em parte porque queriam se exibir para nós. As mais exibidas eram as meninas, que eram a maioria. As cadeiras e mesas estavam dispostas em fileiras formando corredores estreitos entre si, onde mal podia se passar, e as fileiras terminavam bem na frente, reduzindo também o espaço do professor. Notamos que quem os alunos mais aplicados que realmente prestavam muita atenção na aula eram meninos que estavam sentados desde o centro até a frente da sala, perto do professor. No fundo e nas laterais eram formadas, em sua grande maioria, pelas meninas, que davam mais trabalho, algumas conversavam muito, atrapalhavam a aula, se exibiam, outras gritavam com a outra, andavam e passavam boa parte da aula se maquiando. Na segunda aula, após o intervalo, o professor trocou vários alunos de lugar, colocou alunos que conversavam com os que não conversavam, para que fosse possível dar continuidade à aula. Contudo, essa mudança não chegou a ter uma grande efeito, uma vez que os alunos continuavam a passear entre as carteiras e em um certo momento, um menino foi colocado para fora de sala porque falou algo inapropriado para a colega (e não ficou vagando pela escola e sim fazendo atividade na coordenação). Esse dia foi o mais conturbado onde o professor se estressou um pouco e foi difícil dar o conteúdo. A turma F deixou bem claro que eram a última turma da escola, pois eram barulhentos e mal comportados.

2º Dia de Observação

o segundo dia, o professor entrou no assunto de Equinodermas. A rotina de apresentação da turma foi mantida, com um novo monitor. Dessa vez, os alunos se mostraram

mais calmas a nossa presença, não havendo mudanças no comportamento e as meninas, novamente, passaram a aula toda conversando e se maquiando, sendo mais complicado conseguir a atenção delas, algumas transitam livremente por entre as carteiras para conversar, no meio da

aula. Após algumas tentativas de fazerem-nas comportar-se, o professor decidiu por ignorá-las, concentrando a aula nos alunos que se sentam mais a frente e, ocasionalmente, chamando a atenção das meninas, se a conversa chegasse a atrapalhar. Ainda era possível notar que tentavam se exibir para nós. As conversas eram mais adolescentes, variando de festas a namorados. Depois do intervalo, os meninos voltam um pouco mais agitados, porém as meninas ainda conseguem ser mais barulhentas. Dessa vez, ninguém foi posto para fora de sala e foi possível perceber que os alunos que mais se aplicam têm dúvidas e questionamentos interessantes. O teor das conversas muito me impressionou, afinal eram meninas de 12 e 13 anos, mas conversavam sobre festas e sobre namorados, garotos que queriam ficar e beijos.

3º Dia de Observação

Nesse dia, pode-se observar algo interessante. Uma parte da turma usava um uniforme especial em virtude de um cerimonial em homenagem ao dia do estudante, o que parece ter deixado a maior parte da turma mais eufórica e barulhentas. As “panelinhas” estavam menos disciplinadas e conversavam mais, ignorando completamente o professor e caminhando livremente. Apesar disso, nos momentos em que decidiam prestar atenção, formulavam perguntas condizentes aos conteúdos ministrados, que, nessa aula, davam início aos Cordados, tendo como tema principal os peixes (perguntas que nem sempre eram respondidas, em sua maioria porque o professor não escutava)e brigavam para ler e fazer parte da aula, embora não se empenhassem para realizar os exercícios e não mostrassem a tarefa de casa quando pedido. Um outro motivo para a grande euforia talvez tenha sido o fato de a semana anterior ter sido semana de provas e os professores estarem entregando as provas. Em ciências, era possível observar que os alunos do centro tiravam notas maiores, embora alguns alunos das “panelinhas” tenham tirado notas altas, apesar da falta de atenção. Chama a atenção o fato de essas alunas tirarem notas surpreendentemente altas, levando-se em conta seu comportamento. Durante a leitura dos textos em sala, foi possível observar que as alunas que faziam questão de ler eram as que tiravam as boas notas. Mesmo durante a leitura, as colegas não se calavam e elas mesmas, após lerem, imediatamente voltavam a conversar. Pareciam não se importar com a presença do professor e o interesse dos colegas, nesse dia a turma estava realmente impossível.

4º Dia de Observação

Na última observação, a aula ministrado foi de anfíbios e foi proposto por nós ao professor que mudasse um pouco a configuração da turma. Nesse dia em especial, todos estavam muito eufóricos e era impossível controlá-los. Como havíamos observado antes a presença das “panelinhas”, queríamos saber a reação delas, se fossem separadas. Portanto, depois do recreio, pedimos ao professor que mudasse alguns alunos específicos de lugar, separando as meninas e diversificando mais a turma, colocando um dos alunos mais aplicados próximo a algumas alunas mais barulhentas e trazendo outras para o centro da turma, próximo ao professor. Após a mudança de lugar de alguns alunos, a turma parecia outra: o silêncio reinava, quando o professor propôs uma atividade do livro, foi possível observar

que até aqueles que não costumavam fazer os exercícios estavam bem quietos e fazendo a tarefa proposta. Essa mudança confirmou a hipótese de que, se houvesse um mapa em classe que demarcasse os lugares específicos dos alunos, o barulho seria menos e o comportamento e rendimento da turma, maiores. Essa mudança mostrou exatamente o que esperava: que o barulho diminuísse e os alunos se empenhassem mais durante a aula.

Turma D

1º Dia de Observação

A aula da turma D começava as 16:20. A rotina foi a mesma em relação a turma F: o monitor da semana comandava a continência, apresentava a turma e pedia permissão para sentarem-se e começar a aula. A turma também era grande, com muitos alunos, contudo possuía uma sala maior, o que fazia o ambiente ser menos abarrotado e quente. Muitos alunos aguardavam do lado de fora da sala, pois já haviam sido avisados de nossa presença pelos colegas da turma F. Também era muito barulhentos, mas era possível notar que, comparados à outra turma, era mais calmos e havia um maior interesse nas aulas. Aqui, também foi abordado o assunto de artrópodes. Apesar de estarem em uma sala maior, os problemas estruturais da sala eram piores: o piso estava quebrado em várias partes e os alunos usavam os azulejos soltos dos pisos como brinquedo, além de tropeçarem com frequência. Os ventiladores eram tão barulhentos quanto os outros e o lixo e poeira eram ainda piores: podia-se ver os cachos rodando conforme o ventilador girava. A sala tinha a mesma configuração, mas os alunos eram mais dispersos, nem todos que se sentavam a frente eram mais esforçados e prestavam mais atenção. Apesar de agitados com a nossa presença, a turma teve um comportamento melhor e maior participação e o professor pode dar a aula mais tranquilo e calmo. Depois do choque do mal comportamento dos alunos da turma F, a turma D foi um alívio. A impressão que davam, era de que queriam se mostrar de forma a nos impressionar. Até o fim das regências, os alunos da turma D foram meu xodó.

2º Dia de Observação

A segunda aula começou como a primeira: alunos na porta esperando o professor e a rotina de apresentação também foi repetida. Como são menos conversadores, a aula fluiu mais harmônica, havendo participação de boa parte da turma. O conteúdo ministrado e o formato de aula era iguais aos da turma F. O interessante é notar as diferenças no comportamento: os alunos da outra turma conversam temas mais adolescentes, enquanto que a turma D aparenta ser mais infantil, conversando sobre desenhos e brinquedos. Como era período pós provas, os alunos mostravam-se um pouco mais agitados, questionando o professor imediatamente sobre as notas. Ao recebê-las, comparavam com a de outros colegas e discutiam as respostas. O rendimento da turma em notas também era maior que o da turma F. Alguns alunos conversam durante a aula, ou simplesmente não prestam atenção, mas o barulho é significativamente menor e a participação da turma na aula é grande, além de ser menos barulhenta, não havendo gritos ou brigas para ver quem vai ler primeiro. Novamente com o bom comportamento, tenho a impressão que os alunos nos receberam de braços abertos, o que contribuiu muito para que tivéssemos um bom relacionamento com a turma.

3º Dia de Observação

Alguns poucos alunos da turma D usavam o uniforme especial da cerimônia, como sempre, alunos na porta, mas todos entram em sala junto ao professor. Na introdução de cordados com peixes, foi possível observar que o carinho e a camaradagem que os alunos têm com o professor, brincadeiras e piadas sobre os desenhos feitos no quadro eram comuns. A turma começou a nos tratar como se fossemos parte dela, sentando próximo e puxando conversa, fazendo várias perguntas. A receptividade dos alunos foi bem maior. Por já estarem acostumados a nossa presença, faziam um pouco mais de barulho e interagiam sempre que possível conosco. Mesmo assim, os problemas de comportamento eram menores era possível observar o quão bem a aula fluía: muitos participavam ativamente quando o professor levantava alguma questão para discussão em sala e faziam perguntas com uma certa frequência. Há alunos que não se interessam pela aula e passam o tempo todo conversando, mas não chegam a atrapalhar a aula como na outra turma. Nos momentos que nos procuravam, faziam várias perguntas sobre nós e sobre o conteúdo, estavam realmente curiosos com o que íamos fazer nas regências, o que me motivou mais ainda para trazer conteúdos práticos, interessantes e atividades para melhorar o processo de aprendizado.

4º Dia de Observação

Assim como na turma F, o tema da aula foi a continuação dos cordados com anfíbios. A interação dos alunos com o professor foi grande durante todo o período de aula. Ao final, quando o professor propôs a realização de exercícios, a maioria da turma buscou respondê-los, indo até o professor quando surgiam dúvidas e entregando o caderno para o visto e correção quando terminavam. A interação conosco também foi grande nesse momento, não no sentido de ajudá-los com as respostas, mas porque queriam conversar e tinham um momento para isso, embora ainda respondessem as perguntas. Os que acabam a atividade, ficavam conversando e, nesse momento, o barulho era grande, mas como a maioria da turma já havia terminado o questionário, o professor permitiu a conversa. Ao final da aula, boa parte dos alunos haviam entregue o caderno para o visto e, novamente, o rendimento da aula foi bem maior e a aula em si bem mais proveitosa, tanto para os alunos, quanto para o professor. Antes de irmos embora, os alunos fizeram muitos questionamentos sobre como seria a regência, se iríamos embora, de qual turma gostamos mais. A turma D era bem carinhosa e infantil, tinham o comportamento que eu esperava de uma turma de 7º ano.

Diários de Observação do Ensino Fundamental II

1º observação – Turma 8º C

Tema da aula: Parto

A turma é grande e indisciplinada, com a professora tendo que usar um microfone para ser ouvida. Num dado momento, foi pedido a uma aluna que anotasse 5 nomes de colegas que estivessem atrapalhando a aula. Apesar da indisciplinada, a professora tenta interagir, através de perguntas e discussões, que acabam por virar feiras de conversa. A professora também trouxe um modelo de útero e desenvolvimento embrionário para ilustrar o assunto abordado. Como a turma estava muito alvoroçada, a professora pediu os nomes dos 5 alunos e colocou-os para fora de sala. Dois alunos se recusaram a sair e foi necessário

chamar um monitor de corredor para tirá-los. Momento em que os alunos se acalmaram e a aula pode continuar.

2ª observação – 8ºB

Tema: Métodos contraceptivos.

Turma também grande, contudo o espaço parece um pouco menor que o da turma C.O silêncio foi conseguido com muito mais agilidade e houve discussão entre os alunos para ver quem ia ler o conteúdo no livro. Novamente, modelos dos métodos contraceptivos foram trazidos e passados entre os modelos, momento em que a turma se dispersou.

Durante a aula,

foi possível observar que alguns alunos faziam os cartazes da aula de artes(a aula seguinte),durante a aula de ciências, fazendo com que a professora tivesse que chamar a atenção dos alunos com mais frequência. Os alunos são participativos, fazem perguntas com frequência. A aula de artes parecia deixá-los muito excitados e foi necessário que a professora cedesse um tempo de sua aula para a conclusão dos cartazes.

3ª e 4ª observações – 8º A

Tema: Métodos contraceptivos

A turma aparenta ser pouco mais numerosa que as outras, contudo está numa sala um pouco maior e são bem mais atirados, tentando, a todo momento, chamar a atenção. A aula começou com a professora cobrando a tarefa de classe, que acabou por ser tarefa de casa por falta de tempo. Enquanto a professora olhava a tarefa, alguns alunos conversavam, mas o faziam baixo, de forma a não chamar atenção. Após a correção, os modelos de métodos contraceptivos foram mostrados e perguntas foram feitas e respondidas e discussões abertas. Até mesmo entre os focos de conversa, o barulho era pouco e a aula fluía com mais clareza. Quando os ânimos se exaltavam, os próprios alunos pediam silêncio e colaboração dos colegas.

5ª Observação – 8ºC

Tema: DST's

Neste dia, os alunos estavam bem alvoroçados, durante o processo de apresentação da turma, o barulho e indisciplina foi tão grande, que a professora pediu para que os alunos repetissem a apresentação. Depois, os ânimos se acalmaram e a aula pode fluir com uma certa naturalidade.,a exceção apenas de alguns focos de conversa. Os alunos liam as passagens do capítulo no livro e a professora explicava os pontos mais importantes e os alunos fazendo perguntas. Como o tema era DST's, não foi possível trazer modelos, contudo a professora trouxe um pequeno panfleto com ilustrações de pessoas com as doenças, o que gerou um grande alvoroço e conversas. Nesse momento, a turma se perdeu e a aula terminou de forma abrupta.

6ª e 7ª observações – 8º B

Tema: DST's

Novamente, a turma se encontrava tão alvoroçada, que não foi possível fazer a apresentação da turma e foi necessário chamar um monitor de corredor para acalmá-los. A indisciplina era tanta, que foi feito um mapa de carteiros, de forma a manter os alunos mais barulhentos separados e próximos ao professor. A aula, por fim, pode, finalmente, começar. A metodologia aplicada foi a mesma: os alunos liam parágrafos do capítulo e a professora explicava pontos importantes e perguntas eram feitas e respondidas. Novamente, houve um sentimento coletivo de nojo quando o panfleto de DST's foi passado. Como a segunda aula é logo após o intervalo, os alunos estão bem mais agitados. Contudo, apesar disso, a aula consegue fluir em relativa paz, apenas perdendo a atenção de alguns alunos no final quando foi passada uma tarefa de classe.

8ª e 9ª Observações – 8º A

Tema: Métodos contraceptivos e DST's

Desta vez, a apresentação da turma não necessitou de um monitor. Contudo, foram necessários vários minutos para que a turma fizesse silêncio e a aula tivesse início. Novamente o método de pedir a um aluno para anotar os nomes dos mais barulhentos. Em relação as outras turmas o conteúdo estava um pouco atrasado e a prova próxima, mas como eram duas aulas foi possível concluí-lo. A metodologia de ensino foi a mesma em todas as aulas. Os focos de conversa se limitavam a alguns alunos no fundo, com uma maioria participando ativamente da aula através de perguntas(embora menos frequentes). O segundo momento da aula, quando foi abordado o conteúdo de DST's, teve mais discussões(incluindo assuntos não relacionados diretamente às DST's). Como a aula era a última, a turma já estava ficando mais ansiosa, mas foi possível concluir o assunto.

10ª e 11ª Observações – 9º C

Tema: Correção de exercícios

Durante a 1ª aula, houve uma solenidade no pátio seguida de uma marcha. Por conta disso, a turma estava bem dispersa e inquieta quando o professor finalmente chegou para dar início a aula. Pelo tempo perdido, o professor pediu para que a apresentação da turma fosse rápida, de forma a não perder mais tempo de aula. Deu-se, então, a correção de uma lista de exercícios para que os alunos pudessem estudar para a prova dali a uma semana. A lista era sobre forças e polias e tinha questões das mais diversas dificuldades. Contudo houve grande participação dos alunos, que demonstravam compreensão e domínio do conteúdo abordado. Havia focos de conversa, mas as mesmas eram em tom baixo e os alunos participavam da aula, especialmente quando questionados. Durante a aula, foram propostos desafios aos alunos, onde o professor trazia uma situação e fazia questionamentos sobre a base teórica do assunto. Novamente houve resolução de questões, desta vez, do livro. Mas para o fim, os alunos já pareciam saturados de exercícios e os ânimos já começam a se exaltar, com conversas mais altas e alguns alunos dormindo. O foco da metodologia aplicada parece ser resolução de exercícios, pois, ao terminar, o professor entregou nova lista para ser respondida em casa.

12ª e 13ª Observações – 9º B

Tema: Correção de exercícios.

A turma demonstrou ser menos comportada e mais barulhenta logo nos primeiros minutos, pois muitos alunos conversavam entre si, sem se importar com o volume da conversa ou a

presença do professor. Contudo, logo os alunos se acalmaram e começaram a participar mais ativamente da aula, fazendo perguntas e tirando dúvidas. Não houve apresentação da turma, o professor parece não se importar muito se há ou não esse momento. A participação foi menos ativa, os alunos esperavam o professor terminar de corrigir, sozinho, as questões e então faziam perguntas ou tiravam dúvidas. O professor precisava repetir bastante termos teóricos para que houvesse compreensão, pois, quando questionados, os alunos não demonstravam dominar a teoria, não sendo possível fazer a dinâmica das situações para estimular o raciocínio como na outra turma. A segunda aula, por ser após o intervalo, já contava com os alunos bem mais dispersos e desinteressados e a aula foi praticamente unilateral, com o professor falando no quadro e alguns alunos prestando atenção, mas a maioria se encontrava conversando ou até mesmo passeando pela classe.

14ª Observação – 8ºA

Tema: atividade de nota

A última observação no 8º A ocorreu no dia da apresentação de trabalho, valendo 1\3 da nota do semestre, onde os alunos traziam comidas com alimentos que normalmente joga-se fora e entregando um trabalho escrito sobre os alimentos(se continham proteínas, carboidratos etc.).Portanto os alunos estavam bem animados, enquanto a professora passava experimentando as comidas e recolhendo o trabalho escrito, muitos conversavam, gerando muito barulho. No fim, os alunos tiveram permissão de provar as comidas dos colegas, gerando um ambiente de amizade e brincadeira, bem interessante para o fim do semestre, quando o estresse é grande pelas provas que se aproximam.

15ª e 16ª Observações – 8ºB

Tema: atividade de nota

As duas últimas aulas da turma foram ocupadas pela dinâmica ocorrida na turma A. Por terem mais tempo, os alunos interagiram mais entre si e com a professora, aproveitando até mesmo para tirar dúvidas. A dinâmica foi tão interessante e o empenho dos alunos tão grande, que alguns monitores de corredor até mesmo se juntaram para provar as comidas feitas pelos alunos. A utilização de alimentos aqui foi bem mais a fundo, com os alunos trazendo comidas variadas, desde doces a casca de batata frita. Novamente houve compartilhamento de alimentos, com a tarefa quase se tornando um picnic.

Diários de Regência Ensino Fundamental I

As regências foram realizadas nas turmas de 7º ano D e F, no período da tarde. A aplicação do projeto foi dividida em quatro encontros com cada turma.

1º Dia de regência nas turmas

No primeiro dia de regências, iniciamos com uma “chuva de ideias” a respeito da importância das plantas no nosso cotidiano, para direcionarmos para a importância do

estudo desses seres vivos. Nesse dia foram abordados os conteúdos de briófitas e pteridófitas. Eles estavam receptivos e curiosos. Levamos potinhos com musgos e lupas para a sala de aula e após explicarmos no quadro o que é uma briófitas, sua organização e estruturas e um pouco da reprodução, distribuimos os musgos, em bandejas de isopor, por dupla de alunos. A atividade era para observar com a lupa e tentar escrever no esquema do papel o nome das estruturas de uma briófitas. Nas duas turmas os alunos ficaram muito envolvidos na atividade, fazendo perguntas e investigando profundamente os musgos que receberam. Tiraram fotos, e alguns até queriam levar para casa. No final da atividade, depois de termos ido em cada dupla para tirar dúvidas, todos conseguiram completar seus esquemas. A segunda parte da aula foi sobre pteridófitas, e da mesma maneira explicamos esse grupo de plantas e exemplificamos com folhas de samambaias com soros (estrutura) reprodutiva. Nas duas turmas houve bastante participação. Finalizamos com um apanhado geral do que foi visto ao longo da aula, e

resolvemos com eles o mapa conceitual incompleto que foi dado a cada um, sintetizando as características principais desses dois grupos de plantas.

2º Dia de regência nas turmas

No segundo dia de regência nas turmas, abordamos o assunto de gimnospermas. No início da aula fizemos uma contextualização sobre o assunto a partir do que os alunos já conheciam sobre gimnospermas, levando-se em consideração também a etimologia do nome. A sala foi dividida em quatro grupos, onde cada grupo recebeu, aleatoriamente, uma prancha com fotos de representantes de gimnospermas e um texto contendo informações sobre cada foto. Um grupo por vez leu o texto recebido, e os outros grupos tiveram que prestar atenção

para observar se as informações contidas ali se referiam à foto que eles tinham em mãos, para que eles pudessem associar as características que ouviram com o que eles conseguem observar analisando o que tinha nas imagens. Depois da leitura e da análise das fotos, os grupos que acharam que o texto pertencia a sua foto levantava a mão e tinha que explicar o porquê de sua escolha, para saberem quem acertou. Em ambas as turmas houve bastante empolgação nessa etapa da aula, só houve um pequeno problema inicialmente para formar os grupos, notamos que eles não tiveram iniciativa logo de cara para afastar as cadeiras de lugar mostrando a falta de costume com esse tipo de aula. Ao final da atividade, as fotos e

seus respectivos textos foram mostrados, individualmente a cada grupo. Na segunda parte da aula foi abordado o assunto de gimnospermas no quadro-branco, com a explicação de sua estrutura (raiz, caule, folhas aciculares), características marcantes (surgimento da semente, sementes “nuas”, preferência por climas frios), reprodução e estruturas envolvidas (estróbilos feminino e masculino, polinização, formação da semente dentro do estróbilo feminino, embrião). Notamos que os alunos ficaram um pouco confusos na parte da reprodução e para ilustrar essa parte, foi feita a demonstração usando os estróbilos femininos e masculinos verdadeiros, mostrando a diferença de tamanho entre eles, os catafilos, onde as sementes são formadas, etc. Passamos os estróbilos em cada carteira para os alunos verem de perto e eles ficaram muito curiosos, pegaram e até cheiraram os objetos e percebemos que eles puderam entender melhor o que estávamos tentando explicar com um material palpável. Depois, propomos alguns exercícios do livro didático sobre o assunto abordado em sala, para sedimentação e retorno do que foi aprendido ao longo da aula.

3º Dia de regência nas turmas

Nessa aula foram abordados aspectos gerais das angiospermas, partindo primeiramente, do estímulo a participação dos alunos para que contribuíssem com o que sabiam sobre o assunto, exemplos que pudessem dar, etc. Foi dado enfoque nas diferenças que esse grupo apresenta em relação aos outros grupos de plantas vistos anteriormente (surgimento de flores e frutos, grupo com maior número de espécies entre as plantas) e nessa parte houve bastante participação dos alunos. Foram dados exemplos de monocotiledôneas e dicotiledôneas (plantas usadas na alimentação como frutas, arroz, milho, feijão, trigo, cana-de-açúcar, amendoim, etc.). Nessa primeira parte do estudo das angiospermas foram abordados os órgãos vegetativos que compõem o corpo da planta, que são raiz, caule e folhas, e sua função. Para explicar a parte de folha foram utilizados os diferentes exemplares de folhas que foram levados para sala de aula. Utilizamos as brácteas da *Bougainvillea* para exemplificar uma modificação foliar e os alunos ficaram surpresos ao saber que não eram flores.

Para finalizar a aula, realizamos uma dinâmica com os vegetais levados para a sala. Os alunos se organizaram em círculo (dessa vez mais facilmente) e os vegetais foram passando pela mão de cada um. A pessoa em quem o objeto parasse teria que responder

que tipo de órgão era aquele baseado no que foi visto ao longo da aula (se era uma raiz tuberosa, um rizoma, um bulbo, um tubérculo, etc.). Essa parte também foi muito produtiva, algumas vezes os alunos acertaram e em outras ficaram muito surpresos (ao saberem, por exemplo, que a batata inglesa é um caule).

4º Dia de regência nas turmas

Nessa última aula e segunda etapa de estudo das angiospermas foi abordada a reprodução. Primeiramente foram mostrados os tipos de flores (flores solitárias, inflorescências) e um pouco da morfologia da flor (as partes que compõem uma flor). Para ilustrar essa parte, os alunos formaram duplas e cada dupla recebeu uma bandeja de isopor, uma papoula, uma lupa e dois esquemas para preencher. À medida que o conteúdo foi sendo mostrado, os alunos podiam explorar na própria flor e preencher os espaços em branco do esquema recebido. Nesse dia os alunos estavam muito agitados, pois era umas das últimas aulas do ano letivo antes das provas, foi difícil para eles se concentrarem. Fomos em cada carteira para tirar dúvidas. Depois que os alunos reconheceram as partes da flor (pétalas, sépalas, estames, ovário e óvulos), com muito trabalho explicamos um pouco da reprodução (onde é formado o pólen, o processo de polinização, agentes polinizadores, chegada do pólen no estigma, a fecundação do óvulo dentro do ovário) e de onde vem a semente (desenvolvimento do embrião) e o fruto (desenvolvimento do ovário da flor). Depois encerramos a aula e nos despedimos dos alunos.

Diários das Regências Ensino Fundamental II

AULA DE CARBOIDRATOS (8ª SÉRIE, TURMA

C)

Encontramos um pouco de dificuldade para atrair a atenção dos alunos; estes estavam bastante agitados e se aglomerando junto à porta da sala de aula. Iniciando o contato efetivo, questionamos os alunos se eles sabiam o que são carboidratos e, visto que não era um termo tão familiar a eles (como já esperado), associamos ao termo 'açúcares'. E fizemos outros questionamentos a eles para que a discussão partisse do seu conhecimento:

-Onde encontramos os açúcares?

-Será mesmo que todo açúcar é doce?

Seguimos conversando sobre alimentos não-doces que contém bastante carboidrato (cereais, massas e batata inglesa) e começamos a mencionar os nomes de alguns carboidratos notáveis, exemplificando várias de suas fontes.

Direcionamos o assunto para as diferenças entre os mono-dissacarídeos e os polissacarídeos e discutimos, por meio de perguntas direcionadoras, implicações dessas diferenças na digestão e absorção desses nutrientes.

Fechamos a aula dizendo que nosso corpo transforma carboidratos em lipídeos como forma de armazenar energia, e refletimos sobre implicações disto.

AULA DE LIPÍDEOS (8ª SÉRIE, TURMA C)

Iniciando a discussão a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre as expressões ‘gorduras saturadas’ e ‘gorduras trans’. Desenvolvemos o assunto das gorduras saturadas falando do seu estado físico na temperatura ambiente e utilizamos este assunto para falar dos óleos, introduzindo a ideia de gorduras Insaturadas. Apresentamos aos alunos uma breve e simples explicação sobre as gorduras trans, tratando-as como gorduras deformadas e sintéticas; e, utilizando uma imagem do livro didático, mencionamos a importância dos lipídeos nas membranas biológicas.

Mencionamos capciosamente os lipídeos W3 e W6, o que gerou alguns comentários. Finalizamos voltando à função energética dos lipídeos. Nesta aula, um aluno cochilou, e outro aluno não parava quieto; conhecemos melhor este segundo e viemos a saber que ele apresenta déficit de atenção com hiperatividade.

AULA DE CARBOIDRATOS E LIPÍDEOS (8ª SÉRIE, TURMA A)

Turma consideravelmente difícil de estabilizar, bastante heterogênea de comportamentos. Esta aula foi um pouco melhor que as anteriores. Iniciamos mencionando a glicose e instigando o compartilhamento de informações em torno deste açúcar na atualidade. Aproveitando a ligação da diabetes, explicamos os grupos de açúcares simples e de complexos e as implicações metabólicas dessas diferenças.

Por meio de um esquema simplificado no quadro, explicamos o princípio de como a glicose nos fornece energia. Quando mencionamos alguns carboidratos bem notáveis e suas fontes, houve muitos comentários sobre vários alimentos.

Também utilizando a ideia da conversão de carboidratos em lipídeos no nosso corpo, iniciamos a discussão sobre as gorduras (desta vez iniciando pelas insaturadas), sendo o restante da aula, em geral, bem semelhante ao ocorrido na turma “C”.

QUIZZ DE REVISÃO (9ª SÉRIE, TURMA C)

Após uma revisão feita no quadro com resolução de exercícios por parte do professor da disciplina de Física, foi feito um quiz com perguntas bem simples e bastante conceituais sobre o assunto ‘máquinas simples’. A turma foi dividida em 4(quatro) equipes e, como os alunos tiveram bastante dificuldade de responder (no entanto, respondiam usando o livro didático) as

perguntinhas, o tempo de aula acabou e não foi possível termos um fechamento.

AULA DE PROTEÍNAS (8ª SÉRIE, TURMA C)

Iniciamos tentando chamar as atenções para a importância biológica das proteínas. Então situamos os alunos com relação ao tamanho e formato em relação a outras substâncias anteriormente vistas e, seguindo para os aminoácidos, explicamos que eles são as unidades

formadoras das proteínas, que são dezenas de tipos, e que nem todos eles são produzidos pelo homem em quantidade suficiente.

Conversamos sobre boas fontes animais e vegetais desse nutriente, fechamos a aula com um breve apanhado revisório do que já havíamos visto e introduzindo a ideia de ‘vitamina’.

AULA DE VITAMINAS, PARTE 1 (8ª SÉRIE, TURMA B)

Chegamos à sala de aula com um modelo tridimensional das moléculas de água e glicose. Isto nos ajudou muito a atrair a atenção dos alunos, no entanto, nossa aula era sobre vitaminas, então utilizamos o modelo para lembrar assuntos anteriores e para falarmos de tamanhos das moléculas. Falamos das vitaminas usando a tática da leitura compartilhada do livro didático (que traz informações sobre várias substâncias que chamamos de vitaminas).

Listamos no quadro informações sobre todas as vitaminas discutindo fontes, funções e idiosincrasias de cada uma (como, por exemplo, a relação da vitamina D com as zonas de iluminação da terra).

AULA DE VITAMINAS (8ª SÉRIE, TURMA A)

Iniciamos tentando construir uma definição prática de ‘Vitamina’ e, também utilizando o modelo tridimensional, discutimos sobre tamanhos de moléculas.

Então iniciamos (sem leituras do livro didático) as reflexões sobre funções e fontes de algumas vitaminas. Chamamos atenção aos alimentos ‘leite’ e ‘ovo’ e discutimos o fato de eles serem boas fontes de várias vitaminas.

QUIZZ DE REVISÃO (9ª SÉRIE, TURMA B)

Foram elaboradas perguntas simples, a turma foi dividida em quatro equipes, e alguns alunos souberam responder corretamente (geralmente um da equipe sabia responder e os demais pareciam não saber (permaneciam apáticos)). Este quiz teve uma equipe vencedora (que não foi tão exigente quanto ao prêmio). Ao fim de tudo, premiamos as nonas séries B e C com bombons pela sua participação nos quizz.

ENERGIA NA VIDA REAL (9ª SÉRIE, TURMA C; 9ª SÉRIE, TURMA B)

Esperamos alguns dias até que o professor da disciplina de Física terminasse o assunto ‘Energia’ e preparamos uma apresentação de *Powerpoint* para ilustrar o assunto visto (somente potencial gravitacional) e falar de transformações de múltiplos tipos de energias socioeconomicamente importantes.

Discutimos a ideia de ‘Potencial’ para melhor entendermos o que vem a ser um potencial gravitacional. Falamos das usinas e da história da energia nuclear atômica e do uso de algumas outras fontes de energia, e vimos pontos positivos e negativos de cada fonte.

A aula foi bastante semelhante nas duas turmas.

